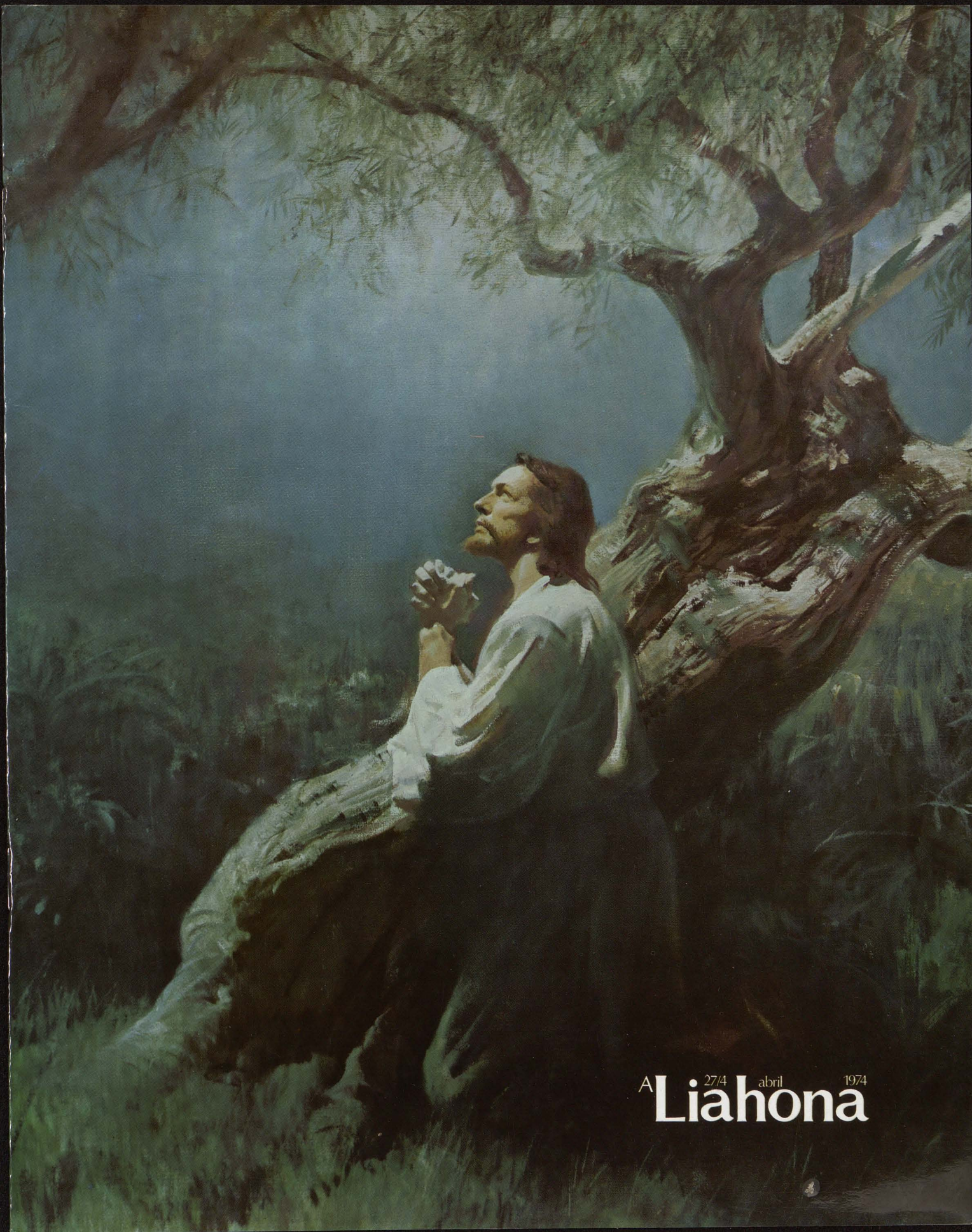




A^{27/4} Liahona ^{abril} 1974

“Jesus falou assim, e, levantando seus olhos ao céu, disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; Assim como lhe deste poder sobre toda carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer. E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse.” (João 17:1-5)

“Este é o Evangelho, as alegres novas, do qual a voz dos céus nos testemunhou — Que Ele veio ao mundo, Jesus mesmo, para ser crucificado por ele, para carregar os pecados do mundo, e para santificá-lo e purificá-lo de toda a iniquidade:” (D. e C. 76:40-42)

A^{27/4} Liahona^{abril 1974}

Publicação mensal
d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias.

NESTE NÚMERO

4 O Presidente Kimball Sucede Ao Presidente Lee	Larry Hiller
8 Para Aliviar o Coração Dolorido	Presidente Harold B. Lee
10 A Maior Semana da História	Daniel H. Ludlow
23 O Grupo de Busca	Mary J. Capps
26 A Primeira Páscoa	
28 O Gato e o Rato	Betty Hubka
30 Só Para Divertir	
31 A Tigela Amarela	Ky L. Bishop
32 Como Enfrentar a Tentação	Robert J. Matthews
34 Heber C. Kimball	
40 Damos Graças a Ti ó Deus Amado	Élder Gordon R. Hinckley
44 Visão Da Redenção Dos Mortos	Joseph F. Smith

REGISTRO

Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o no. 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

COMITE DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans, Diretor-Gerente de Comunicações Internas; John E. Carr, Diretor de Distribuição e Tradução; Doyle L. Green, Diretor de Revistas da Igreja; Daniel H. Ludlow, Diretor de Materiais de Instrução.

EDITOR

Larry Hiller

EDITOR RESPONSÁVEL

José B. Puerta

REDATOR

José B. Puerta

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079 São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Padro, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para aprecação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

O Presidente Kimball Sucede Ao Presidente Lee

Larry Hiller

No dia 28 de março de 1899, na pequena cidade de Clifton, Idaho, Harold Bingham Lee começou a sua vida terrena. Quando faleceu com a idade de 74 anos, a 26 de dezembro de 1973, sua morte foi lamentada por milhões, e importantes líderes governamentais, religiosos e dos negócios de todas as partes do mundo enviaram mensagens de condolência.

Sua administração como Presidente da Igreja durou apenas 18 meses e foi mais curta do que a de qualquer outro presidente que o precedeu. Porém a contribuição de Harold B. Lee para o bem-estar temporal e espiritual de seus semelhantes começou bem antes de se tornar Presidente da Igreja em 7 de julho de 1972. Foi uma das Autoridades Gerais durante 32 anos, e durante este tempo foi instrumento no desenvolvimento e orientação de muitos dos importantes programas da Igreja. Seu registro de dedicação e serviços inicia-se em data ainda bem anterior.

As principais designações do Presidente Lee começaram quando foi chamado como conselheiro na presidência da Estaca Pioner, em Salt Lake City, no ano de 1929. No ano seguinte, aos 31 anos de idade, foi chamado como presidente daquela estaca. A grande depressão econômica havia começado, e o jovem presidente viu-se às voltas com o desafio de assistir os membros de sua estaca. Mais da metade dos homens estava sem trabalho e conseqüente-

mente sem meios de prover suas famílias. O presidente Lee foi inspirado a estabelecer um local de armazenamento de maneira que os alimentos e outros artigos pudessem ser distribuídos aos necessitados. Projetos de trabalho foram organizados a fim de que os homens não dependessem da caridade. Usando materiais de um prédio que havia



Presidente Harold B. Lee.

sido demolido, construíram um ginásio para a estaca, a fim de abrigar as atividades recreativas e sociais.

Em 1936, o Presidente Heber J. Grant, coordenando os esforços de todas as estacas empenhadas em tais atividades de bem estar, organizou o que foi então chamado de programa de segurança da igreja. Mais tarde tornou-se conhecido como o programa de Bem Estar da Igreja. O Presidente Lee foi chamado como seu primeiro diretor gerente, e encarregado do Comitê de Bem Estar da Igreja. No dia 10 de abril de 1941, Harold B. Lee foi ordenado apóstolo pelo Presidente Heber J. Grant. Entre as muitas e importantes designações que recebeu como apóstolo, recebeu o encargo do comitê de correlação para coordenar o currículo total da Igreja. Quando o Presidente David O. McKay faleceu, o Presidente Lee tornou-se primeiro conselheiro do Presidente Joseph Fielding Smith.

O Presidente Lee conheceu momentos de tristeza, porém, isto somente o fortaleceu. Em 1962, quando estava em viagem assistindo uma conferência de estaca, soube que sua esposa Fern, lutava entre a vida e a morte. Correu para o seu lado mas somente para vê-la partir. Em 1966, enquanto cumpria uma designação no Hawaii, sua filha Maurine falecia deixando 4 filhos.

Em 1963, o Presidente Lee casou-se com Freda Joan Jensen, que, de acordo com as palavras do Elder Hinckley, do Conselho dos Doze, "complementou sua vida de uma forma extraordinária".

O Presidente Harold Bingham Lee foi um homem profundamente espiritual. Tinha grande amor pelo Senhor e pelos seus Santos. Pouco antes de sua ordenação como Presi-

dente da Igreja, fez o seguinte pronunciamento:

"Nós nos apoiaremos na orientação espiritual do Senhor. Seremos guiados pelo Espírito.

"Desejaria tão somente que todos os membros de todo o mundo soubessem do amor que tenho para cada um deles, pelos quais agora sinto uma especial afinidade. Estendo minhas bênçãos e meu amor para todos, para que possam conhecer o amor da Primeira Presidência e das Autoridades Gerais da Igreja por eles."

O Presidente Lee insistiu na unidade e fraternidade dos Santos, dizendo: "Não somos Ingleses, nem Alemães, nem Franceses, nem Holandeses, Espanhóis ou Italianos. Porém somos um, como membros batizados na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e também somos semente de Abraão, como declarou o Apóstolo Paulo e portanto, herdeiros de acordo com a promessa". (Conferência de Area em Munich, 25 de agosto de 1973.)

O conselho que o Presidente Lee deu quando se tornou Presidente da Igreja, estabeleceu o tema para a sua administração e bem poderia ser a mensagem de despedida que gostaria de dar aos Santos: "A segurança da Igreja reside na guarda dos mandamentos pelos membros. Não há nada mais importante que eu possa dizer. Se guardarem os mandamentos serão abençoados".

Quando o presidente falece a Primeira Presidência, automaticamente se desfaz. Os dois conselheiros do Pres. Lee tomaram seus lugares no Conselho dos Doze, que se torna o corpo governativo da Igreja até que o novo Presidente pudesse ser chamado e designado. A transição foi feita serenamente; embora a morte do Presidente Lee tenha vindo abruptamente para quase todos, um sentimento de calma prevaleceu. Alguns não membros expressaram surpresa quando verificaram que os negócios da Igreja continuaram de uma forma ordeira. Não havia conflito de poder; nem interesses políticos estavam envolvidos como acontece numa organização secular. Os santos sabiam que o Senhor já tinha um outro homem preparado para agir como seu profeta e que o Conselho dos Doze, reunido no Templo, seria inspirado a escolher aquele homem.

PRESIDENTE KIMBAL

Desde a morte de Joseph Smith, o apóstolo senior, que é o Presidente do Conselho dos Doze, tem sido o Presidente da Igreja. E assim, no domingo, 30 de dezembro de 1973, o Conselho dos Doze reunido no Templo de Salt Lake, escolheu o Presidente Spencer Woolley Kimball como Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o qual, por sua vez escolheu como seus conselheiros, o Presidente N. Eldon Tanner e o Presidente Marion G. Romney.

O Elder Ezra Taft Benson foi designado como Presidente do Conselho dos Doze pelo Presidente Kimball. O Presidente Benson em seguida, servindo como voz do Conselho dos Doze, ordenou o Presidente Kimball como décimo-segundo Presidente da Igreja. O Presidente Kimball permaneceu como Presidente do Conselho dos Doze desde 7 de julho de 1972 e tem sido apóstolo desde 8 de julho de 1943. O Presidente Benson também foi ordenado apóstolo no dia 8 de julho de 1943.

Falando sobre a morte do Presidente Lee, o Presidente Kimball disse: "Oramos para que isso nunca acontecesse, nossas orações foram pelo Presidente Harold B. Lee. Pela

manhã e à noite, todos os dias, oramos por uma longa vida e pelo bem estar do Presidente Lee. Sabia que esta responsabilidade poderia vir sobre mim, porém não a procurei. Agora farei o melhor que possa."

O Presidente Kimball nasceu a 28 de março de 1895, em Salt Lake City. Seu pai foi Andrew Kimball, um dos mais jovens filhos de Heber C. Kimball, apóstolo e conselheiro do Presidente Brigham Young. A família Kimball mudou-se para o Arizona em 1898, e lá Andrew Kimball foi chamado para presidir sobre a Estaca de St. Joseph. A Igreja era o centro da vida da família Kimball e as

crianças foram ensinadas no valor do serviço e do trabalho. "Lembro-me de passar o sacramento como diácono, e o meu primeiro chamado a um ofício da Igreja como presidente do quorum de diáconos", disse o Presidente Kimball.

Quando jovem, trabalhou duro num estabelecimento de laticínios para economizar dinheiro para a escola e a missão. Foi chamado como missionário para a Missão Suíço-Germânica. Porém, havendo estourado a guerra de 1914, foi chamado a Missão Central Americana. Lá serviu como "Presidente de Conferência", com 30 missionários sob a sua direção. Foi

uma época de grande desenvolvimento e aperfeiçoamento do valor e das qualidades de liderança.

Terminada a sua missão, retomou os estudos na Universidade do Arizona. Foi nesta época que conheceu Camila Eyring, casando-se em novembro de 1917. Em janeiro do ano seguinte foi chamado como secretário de Estaca. Permaneceu nesta posição durante 6 anos e meio até que seu pai, que era o presidente da estaca, veio a falecer. Foi então chamado como segundo conselheiro na presidência da nova estaca e serviu na presidência por 12 anos. Quando a estaca se dividiu, foi chamado como presidente da nova Estaca de Mt. Graham. Seis anos mais tarde, foi chamado como membro do Conselho dos Doze.

Como Autoridade Geral, o Presidente Kimball tem viajado para todas as partes do mundo levando a mensagem do Evangelho. Seu amor pelo trabalho missionário é muito grande. "Necessitamos de mais missionários de todas as terras", ele disse, "e cada país deveria fornecer missionários quanto possível. Eu sei que se nos movermos até aquele ponto e batermos, o Senhor abrirá o caminho e faremos muito mais do que temos feito. "Estou ansioso por ver a época em que teremos muitos templos para servir o povo em todas as partes do mundo".

O Presidente Kimball declarou que "os problemas da vida diária poderão ser resolvidos através da Reunião Familiar, se os pais viverem retamente e estabelecerem exemplos para seus filhos. Se os filhos começarem cedo a viver o Evangelho, permanecerão fortes por toda a vida. Temos os programas do Senhor, e todas as cousas que temos feito na Igreja tem sido o Seu trabalho. Portanto, precisamos nos esforçar para fazê-las melhor."



Presidente e Irmã Kimball.



Presidente e Irmã Tanner.



Presidente e Irmã Benson.



Presidente e Irmã Romney.

O Presidente Kimbäll passou por séria operação cirúrgica do coração há alguns anos atrás, mas atualmente os médicos atestam a sua boa saúde. Segundo a irmã Kimball diz "não tenho a menor dúvida de que o Senhor ama o meu marido. Sentimos ter assistido a um milagre no que se relaciona com a sua saúde. Uma força tem vindo sobre ele nestes últimos 20 anos".

O Presidente Spencer W. Kimball tem tido uma vida de constante atividade na Igreja. Nunca se afastou do seu trabalho nem do amor pelo Senhor.

PRESIDENTE TANNER

Quando o Presidente N. Eldon Tanner foi designado pelo Presidente Kimball como seu primeiro conselheiro em 30 de dezembro de 1973, foi a quarta vez que recebia semelhante designação. Foi chamado pela primeira vez como membro da Primeira Presidência em outubro de 1963, como segundo conselheiro do Presidente David O. McKay, depois de ter servido como Autoridade Geral por 3 anos — dois dos quais como Assistente dos Doze Apóstolos, e

um como apóstolo. Serviu também como segundo conselheiro do Presidente Joseph Fielding Smith e como primeiro conselheiro do Presidente Harold B. Lee.

PRESIDENTE ROMNEY

O Presidente Marion G. Romney foi designado como Assistente do Quorum dos Doze no dia 23 de maio de 1941, por Heber J. Grant, com a idade de 43 anos. Foi ordenado apóstolo a 11 de outubro de 1951. O Presidente Romney foi designado como segundo conselheiro do Presidente Harold B. Lee, em 7 de julho de 1972.

PRESIDENTE BENSON

Falando sobre o seu chamado como Presidente do Conselho dos Doze, o Presidente Ezra Taft Benson disse: "É muita honra receber o Santo apostolado, o maior ofício do Sacerdócio que pode ser conferido a um homem; porém, ser chamado para presidir sobre um grupo de homens que receberam este alto chamado é quase esmagador. Aceito grato e humildemente pelo meu amor ao trabalho e pelo amor que tenho pelos meus companheiros, já que a

liderança de qualquer deles eu estaria disposto a seguir".

O Presidente Benson foi o primeiro dos 11 filhos nascidos de George T. Benson Junior e Sarah Dunkley Benson em seu lar em Whitney, Idaho, no dia 4 de agosto de 1899.

O Presidente Benson cresceu na fazenda e estudou administração agrícola. Foi homenageado publicamente pelo seu trabalho na agricultura, o qual inclui sua posição de liderança numa federação de Cooperativas de Fazendeiros que congrega perto de 2 milhões de associados. Foi também Secretário da Agricultura no governo do Presidente Dwight D. Eisenhower.

O Presidente Benson e sua esposa, Flora têm dois filhos e quatro filhas, e 30 netos, e sentem grande orgulho por sua família.

Durante os anos em que tem servido como Autoridade Geral, o Presidente Benson tem viajado para muitas partes diferentes do mundo, e onde quer que fale, os Santos sentem a força de seu testemunho e o grande amor que tem pelo Senhor e por eles. Ele é realmente um homem de Deus.

Para Aliviar O Coração Dolorido

Presidente Harold B. Lee

Em milhares de lares no mundo inteiro, vem-se travando, como sempre tem sido, uma luta interior na alma daqueles que perderam um ente da família. O que dizer aos que anseiam por uma paz interior que acalme seus temores, que lhes alivie o coração dorido, que lhes dê entendimento, que os faça olhar para além das sórdidas provações de hoje e ver a realização de esperanças e sonhos num mundo que transcende a mortalidade?

Permiti que eu chame, em poucas palavras, a vossa atenção para as promessas das Escrituras, explicando-as brevemente, a fim de que esta mensagem vos traga entendimento, paz e esperança.

Dizendo aos discípulos: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27), o Mestre indicava-lhes a fonte da qual provém a paz suprema.

Os significativos eventos que antecederam e seguiram a ressurreição do Senhor dão-nos um vislumbre das eternidades do porvir. São acontecimentos claramente documentados nas Escrituras. Ali lemos da terrível noite em que Jesus foi traído, e do processo apressado e ilegal, verdadeiro escárnio da justiça. Mentalmente, testemunhamos a morte angustiante de nosso Senhor e Mestre na cruz. Vem-nos à lembrança a tumba vazia num horto próximo ao Calvário, onde havia um sepulcro novo para o seu sepultamento. Ali ouvimos dos guardiães angélicos anunciando gloriosa e triunfantemente, junto à tumba: "Ele não está aqui, por-

que já ressuscitou ..." (Mateus 28:6).

Ali foi testemunhada a primeira aparição do Mestre com o corpo ressurreto, um personagem completo e aperfeiçoado em cada detalhe, tão tangível e real como o haviam conhecido no seu corpo mortal.

Mas isto não foi tudo o que aconteceu naquela manhã da primeira ressurreição. Nesse dia, cumpria-se a promessa do Senhor, feita por intermédio do profeta que dava alento ao bando combativo guiado por Moisés, seu líder profeta, de que, após as provações e lutas no deserto: "Os teus mortos viverão, juntamente com meu corpo morto eles ressuscitarão ..." (Isaías 26:19). Traduzido diretamente do inglês, versão "King James", por haver discrepância na versão portuguesa .N. do T.)

O registro de Mateus, na Bíblia, dá-nos um emocionante relato do cumprimento dessa promessa após oitocentos anos. Diz ele: "E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos." (Mateus 27:52-53)

Pensai nesse dia, vós que chorais a morte de entes queridos. Os sepulcros deles se abrirão e seus corpos se levantarão igualmente, e andarão pela terra dos vivos e aparecerão a muitos. Também os profetas do continente americano nos deixaram um registro explicando a inteireza de um corpo ressurreto, quando um deles declarou: "... e não se perderá nenhum só cabelo de suas cabeças ... tornando-se essa união espiritual e imortal, de modo a não mais ver corrupção." (Alma 11:44-45)

Contudo, existe ainda outra gloriosa expectativa, mesmo além do túmulo, para os que se foram. Naquela circunstância o Mestre fez uma declaração que nos dá perfeita evidência do que está além: "Em verdade, em verdade vos digo," predisse o Mestre, "que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus"; e então, como que para evitar um possível mal-entendido de suas palavras, repetiu: "Não vos maravilhes disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação." (João 5:25, 28-29)

Que gloriosa expectativa para aqueles que

"Cada um deve fazer tudo ao seu alcance para salvar a si mesmo do pecado; então ele poderá reivindicar as bênçãos de redenção pelo Santo de Israel."

se foram, ouvir novamente a voz do Filho de Deus!

O tempo me permitirá apenas breve referência a outro evento relacionado com a ressurreição do Salvador. Todos se lembram de que o seu corpo ficou na tumba durante três dias antes de ressurgir. É bem lembrado também que, depois de ressurreto, o Salvador demorou-se entre os discípulos por cerca de quarenta dias, comendo com eles, ensinando-os e dotando-os do dom do Espírito Santo.

Ele deve ter-lhes relatado o que aconteceu durante os três dias em que seu corpo permaneceu na tumba, pois encontramos Pedro, o apóstolo-chefe, explicando em suas epístolas que, durante aquele período, "... vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão; os quais noutra tempo foram rebeldes ... nos dias de Noé ..." (I Pedro 3: 18-19) E depois Pedro registrou este escia-recimento de suma importância: "Porque por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito." (I Pedro 4:6)

Sim, devemos chorar a perda dos que morrem, e mais especialmente dos que não têm esperança de uma ressurreição gloriosa. Então ouvimos estas afirmações apaziguantes e consoladoras do Apóstolo Paulo, explicando que "assim como todos morremos em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (I Cor. 15:22)

Os antigos profetas do continente ocidental deixaram claramente entendido em linguagem inequívoca, a obrigação de todo indivíduo de conseguir os mais elevados desses privilégios eternos na mortalidade e no mundo vindouro, pois está escrito: "Porque trabalhamos diligentemente para as escrever, a fim de persuadir nossos filhos e nossos irmãos a acreditarem em Cristo ... pois sabemos que é pela graça que somos salvos, depois de tudo o que pudermos fazer." (II Néfi 25:23)

Em outras palavras, cada um deve fazer tudo ao seu alcance para salvar a si mesmo do pe-

cado; então, poderá reivindicar as bênçãos de redenção pelo Santo de Israel, que fez com que toda a humanidade pudesse ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho.

Jesus expiou não só pelas transgressões de Adão mas também pelos pecados de toda a humanidade. Mas a redenção dos pecados individuais depende do esforço pessoal; cada um é julgado de acordo com as suas obras.

As Escrituras deixam claro que, embora a ressurreição venha para todos, apenas aqueles que obedecem a Cristo receberão a graça maior da salvação eterna. Falando de Jesus, Paulo explicava aos hebreus que ele "veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem." (Hebr. 5:9)

Pois bem, por causa daquele grande dia em que o Santo de Israel triunfou sobre a morte, desdobrou-se-nos o plano de redenção disponível a todos; e podemos, assim, bradar exultantes nesta manhã de Páscoa com o Apóstolo Paulo: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó tumba, a tua vitória? ..." Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo. (I Cor. 15: 55,57)

Minha humilde prece é que os homens de toda a parte possam entender melhor a importância da expiação do Salvador de toda a humanidade, que nos deu o plano de salvação que nos levará à vida eterna, onde Deus e Cristo habitam. Por isto, oro fervorosamente e presto meu testemunho pessoal dessas verdades divinas no sagrado nome daquele que deu sua vida por criaturas como vós e eu. Assim seja. Amém.



Harold M. Lee

A Maior Semana

Quando, finalmente, a história deste mundo for escrita do ponto de vista da perspectiva eterna, muitos acontecimentos não de competir como dignos de ser incluídos. Não obstante, em vista de sua significância para toda pessoa que já viveu ou virá a viver nesta terra, os acontecimentos da derradeira semana de vida do Salvador — da manhã de domingo de sua entrada triunfal em Jerusalém à manhã do domingo da ressurreição — farão com que seja aclamada indubitavelmente, como a maior semana da história. Sem o ocorrido naquela semana, particularmente os eventos do Jardim do Getsêmani e por ocasião da ressurreição, tudo o mais é virtualmente sem importância.

Obviamente, um artigo como este mal poderia enumerar, quanto mais discutir, todos os acontecimentos daquela semana encontrados nas Escrituras. Assim, ele abordará mais ou menos detalhadamente apenas um ou dois de cada dia, men-

cionando com brevidade alguns outros.

PRIMEIRO DIA (DOMINGO)

Desde o tempo da criação, o domingo tem sido o primeiro dia da semana. Naquele domingo em particular, primeiro dia da maior semana da história, o Salvador deixou a pequena vila de Betânia, onde passara o Sabá em companhia dos amigos Maria, Marta e Lázaro, subindo as encostas que levavam a Jerusalém, a menos de cinco quilômetros de distância.

Perto da aldeia de Betfagé, mandou que discípulos seus lhe conseguissem um jumento, a fim de entrar em Jerusalém montado no animal; isto não só cumpriria as profecias mas seria também uma indicação de que vinha em paz.

Mateus registra que "muitíssima gente" viera aclamar o Mestre e estendia seus vestidos e ramos de árvores pelo caminho diante dele, clamando: "Hosana ao Filho de Davi; bendito o que vem em nome do

Senhor. Hosana nas alturas." (Mat. 21:8-9)

Todos estes atos eram símbolos de respeito, e o emprego do título "Filho de Davi" indicava que a multidão aceitava o Salvador como o tão aguardado Messias, pois esse era o título sacro a ele reservado.

E por que o povo simples e crente não haveria de estar pronto para aceitar Jesus Cristo como o Messias? Acaso ele não correspondia às palavras dos profetas? Não era um descendente de Judá através da semente de Davi, exatamente como haviam predito os profetas? Não nascera de uma virgem chamada Maria, na cidade de Belém?

Não havia saído do Egito, sendo criado em Nazaré? Não tinha provado seu domínio sobre os elementos da terra e do corpo humano, transformando água em vinho, acalmando o vento e as ondas do mar, fazendo o coxo andar, o cego enxergar, o surdo ouvir e mesmo trazendo os mortos de volta à vida — tudo como parte dos "grandes milagres" que os pro-

a Da História

Daniel H. Ludlow

O tradicional Jardim de Getsêmani.



fetas disseram que ele faria? E ei-lo ali, montado num jumento, entrando em Jerusalém, a cidade santa, exatamente como havia predito o profeta Zacarias.

Não admira que o povo comum o seguisse em grandes multidões, aclamando-o como o Messias, o "Filho de Davi". Evidentemente, muitos dentre o povo esperavam que ele entrasse agora na cidade e cumprisse algumas das outras profecias a seu respeito, incluindo assumir o comando das tropas de Israel e levá-los à vitória sobre seus inimigos, para depois estabelecer um reino de paz, justiça e retidão sobre a terra. Ele havia cumprido com seus atos passados as palavras dos profetas; certamente agora realizaria o restante das profecias.

Conforme nos indicam a história e os profetas, o trágico engano cometido pelos judeus crentes daquele tempo foi esperar que o Salvador fizesse, na primeira vinda, algumas das coisas reservadas para a sua

A Maior Semana Da História



segunda vinda. Jacó, o profeta do Livro de Mórmon, havia declarado centenas de anos antes do nascimento do Salvador, que os judeus negariam o Messias quando viesse, porque olhariam "para além do marco". (Jacó 4:14)

Não foi senão dias mais tarde, depois de o Salvador ter feito declarações como "Dai... a César o que é de César" (Mat. 22:21) e "O meu reino não é deste mundo" (João 18:36), que o povo iria transformar os gritos de "Hosana ao Filho de Davi!" em "Crucifica-lo!" Não foi senão dias mais tarde que os crentes entre o povo comum começaram a sentir que ele os traía; por

isso, concordaram em fazê-lo o mesmo. Naquele primeiro Domingo de Ramos, os gritos ainda eram de "Hosana ao Filho de Davi!"

Esses clamores foram igualmente ouvidos na colina do templo, além do vale do Monte das Oliveiras, onde estavam reunidos os fariseus e outros invejosos líderes seculares e eclesiásticos. A consternação deles diante da lisonja feita ao Salvador foi tão grande, que exclamaram: "... toda gente vai após ele." (João 12:19)

Aproximando-se mais de Jerusalém, o Salvador chorou pela cidade ao contemplar a destruição futura que sobreviria a seus habitantes. Sua alma con-

tinuou conturbada após ter entrado em Jerusalém; ali ele orou: "Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora." Uma voz respondeu-lhe dos céus, fazendo com que alguns do povo achassem que trovejara, enquanto outros replicavam: "Um anjo lhe falou." (João 12:27,29)

Foi então que o Salvador fez o discurso a respeito dos filhos da luz, lembrando ao povo que a luz estaria com eles só "por um pouco de tempo" e admoestando-os: "Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz." (João 12:35-36) E, "como já fosse tarde, saiu para Betânia com



O Vale de Kidron, tendo
ao fundo a Muralha
de Jerusalém.

Sítio do Templo em
Jerusalém, com a
Mesquita de Omar
(muçulmana) à direita.

os doze." (Marcos 11:11)

SEGUNDO DIA (SEGUNDA-FEIRA)

Bem cedo na segunda-feira, o Salvador voltou novamente de Betânia para Jerusalém. Mateus registra os acontecimentos da seguinte maneira:

"E, de manhã, voltando para a cidade teve fome;

"E, avistando uma figueira perto do caminho, dirigiu-se a ela, e não achou nela senão folhas. E disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti. E a figueira secou imediatamente.

"E os discípulos, vendo isto, maravilharam-se, dizendo: Como secou imediatamente a fi-

gueira?" (Mateus 21:18-20)

Este incidente do estiamento da figueira tem sido difícil de entender para muita gente, por ser tão diverso dos outros milagres do Salvador. Antes, ele aliviava os sofrimentos das pessoas e costumava usar seus poderes para propósitos benéficos; na verdade, fizera os mortos retornar à vida. Mas aqui, ele parece ter proferido um julgamento final e provocado a morte. Contudo, este incidente deve ter ensinado uma grande lição aos discípulos. Entre outras coisas, certamente reconheciam agora que o Salvador tinha poder para causar a morte como para dar vida; assim, davam-se

conta de que Ihe seria possível dar sua vida voluntariamente como dissera. Eles tiveram motivos para se lembrar dessa lição antes que findasse a semana.

Outra lição possivelmente tirada pelos discípulos desse incidente foi que ninguém deve pretender ser algo que não é. A figueira viçosa aparentava ter frutos, pois normalmente as folhas e frutos se desenvolvem juntos nessa planta. Entretanto, aquele arbusto frondoso era decepcionantemente estéril.

O Élder James E. Talmage aventou que aquela árvore foi amaldiçoada, não por estar sem frutos (pois o mesmo se

A Maior Semana Da História



O Monte das Oliveiras visto de Jerusalém.

dava com as outras figueiras naquela época do ano, fins de março ou princípios de abril), mas por ser enganosamente estéril e “um símbolo da hipocrisia humana”.

Outro evento ocorrido possivelmente nesse segundo dia da semana foi a purificação do templo. Certos estudiosos do Evangelho têm colocado esse incidente no domingo, o primei-

ro dia, por causa do contexto de Mateus 21:12 e Lucas 19:45. No entanto, outros interpretam Marcos 11:11 e 15, como significando que ele se deu na segunda-feira.

Seja como for, fazia três anos que o Salvador havia expulsado os cambistas do interior do templo. Naquela ocasião, ele os acusara de fazer da “**casa de meu Pai** casa de

venda” (João 2:16. Grifo nosso). Agora, após ter declarado abertamente ser o Messias, o Salvador, citando as Escrituras, refere-se ao templo como “a minha casa”: “A minha casa será chamada casa de oração — mas vós a tendes convertido em covil de ladrões” (Mat. 21:13) Antes de terminar a semana, o Salvador dirá aos residentes rebeldes

de Jerusalém, a respeito do templo: "Eis que a **vossa casa** vai ficar-vos deserta." (Mat. 23:38. Grifo nosso) A alteração nos termos possessivos é interessante e significativa.

Os líderes religiosos apóstatas enfureceram-se com tal tratamento do Salvador e "os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo". Não obstante, o povo comum "pendia para ele, escutando-o". (Lucas 19:47-48)

Os principais dos sacerdotes e escribas indignaram-se mais ainda, quando viram o Salvador curando os cegos e paralíticos que o procuravam no templo, e os meninos ali presentes clamando: "Hosana ao Filho de Davi."

Mateus relata assim o final do incidente: "Os principais dos sacerdotes e os escribas disseram-lhe: Ouves o que estes dizem? E Jesus lhes disse: Sim; nunca lestes: "Pela boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor?"

"E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, e ali passou a noite." (Mat. 21:16-17)

TERCEIRO E QUARTO DIA (TERÇA E QUARTA-FEIRA)

As ocorrências de terça e quarta-feira serão consideradas em conjunto, não só por muitas delas serem relacionadas, mas porque nem sempre as Escrituras evidenciam exa-

tamente em que dia aconteceram.

No entanto, os anais deixam claro que, após os eventos de domingo e segunda-feira, quando o povo comum demonstrou seu amor e interesse pelo Messias, os líderes religiosos e também os seculares se sentiram ameaçados pela sua possível liderança e decidiram desafiá-lo, na esperança de o desacreditar aos olhos do povo. Assim, levaram tempo arquitetando perguntas capciosas com as quais esperavam derrubá-lo.

Quando o Salvador chegou ao templo, o primeiro grupo a procurá-lo com suas perguntas foi uma delegação da hierarquia do templo. Eles ainda se lembravam vividamente de como Jesus havia expulsado os cambistas, acusando-os de fazerem da casa "dele" um covil de ladrões. Por isso, abordaram-no com estas perguntas cuidadosamente preparadas: "Com que autoridade fazes isto? e quem te deu tal autoridade?" (Mat. 21:23)

O Salvador respondeu com outra pergunta: "Eu também vos perguntarei uma coisa: se ma disserdes, também eu vos direi com que autoridade faço isto. O batismo de João donde era? Do céu ou dos homens?" (Mat. 21:24-25).

Interessante é notar que os membros da delegação não responderam segundo o que realmente acreditavam; antes, consideraram a resposta de acordo com o que o povo diria,

pois "pensavam entre si, dizendo: Se dissermos: Do céu, ele nos dirá: Então por que não o crestes?"

"E se dissermos: Dos homens, tememos o povo, porque todos consideram João como profeta.

"E, respondendo a Jesus, disseram: Não sabemos. Ele disse-lhes: Nem eu vos digo com que autoridade faço isto." (Mat. 21:25-27)

Então Jesus assumiu o papel de interrogador e, com a desafiante introdução de "Que vos parece", apresentou suas últimas três parábolas diante da audiência pública: A parábola dos dois filhos, a dos lavradores maus e a das bodas reais. (Vide Mat. 21:28-46; 22:1-14)

O próximo grupo a tentar ridicularizar o Mestre foram os herodianos, aqueles que apoiavam o governo de Herodes e domínio romano, e que procuravam obstar qualquer possível nova liderança religiosa. Sua pergunta maliciosa foi: "Que te parece? É lícito pagar tributo a César, ou não?"

"Jesus, porém, conhecendo a sua malícia, disse: Por que me experimentais, hipócritas?"

"Mostrai-me a moeda do tributo. E eles lhe apresentaram um dinheiro.

"E ele diz-lhes: De quem é esta efígie e esta inscrição?"

"Dizem-lhe eles: De César. Então ele lhes diz: Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." (Mat. 22:17-21)

A Maior Semana Da História

Os saduceus vieram a seguir para tentar enganá-lo; pertenciam a uma facção do judaísmo que era inimiga declarada dos fariseus, dos quais discordavam em muitas questões religiosas, inclusive a ressurreição. Nessa circunstância, propuseram ao Mestre uma questão baseada no fato extremamente improvável de uma mulher que, tendo enviuvado, fora casada consecutivamente com sete irmãos. A pergunta era: "...na ressurreição, de qual dos sete será a mulher?" (Mat. 22:28)

O Salvador, percebendo que a questão real não era a qual dos sete a mulher devia pertencer, mas sim se havia ou não ressurreição, respondeu diretamente, salientando que o relacionamento da união eterna é determinado pelo poder do Sacerdócio aqui na terra; assim, "nem casam nem são dados em casamento" na ressurreição.

Depois, o Mestre abordou a verdadeira questão: "E, acerca da ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos." (Mat. 22:30-32)

Os honestos de coração ali presentes imediatamente compreenderam a lógica irrefutável empregada pelo Salvador: uma vez que Abraão, Isaque e Jacó haviam falecido há muitos anos, mas ainda assim Deus se

dizia Deus deles e que era Deus unicamente dos vivos, por conseguinte Abraão, Isaque e Jacó deviam estar vivendo! Alguns dos escribas presentes exclamaram: "Mestre, disseste bem." A lógica silenciou os saduceus, e "não ousavam perguntar-lhe mais coisa alguma." (Lucas 20:39-40).

Os fariseus, último dos grupos, estavam a postos com sua pergunta, que, entretanto, foi feita por um deles, um doutor da lei: "Mestre, qual é o grande mandamento da lei?" (Mat. 22:36) ou, segundo a versão de Marcos: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?" (Marcos 12:28)

A resposta do Salvador foi final e inequívoca. Ele respondeu com quase as mesmas palavras usadas por Moisés com os filhos de Israel, as quais mandou que os israelitas ensinassem diligentemente aos filhos: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mat. 22:37-39)

Depois de responder aos fariseus, o Salvador inverteu os papéis, passando a interrogá-los: "Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?" Eles responderam prontamente: "De Davi."

"Disse-lhes ele: Como é então que Davi, em espírito, lhe chama Senhor...

"Se Davi pois lhe chama Senhor, como é seu filho?

"E ninguém podia responder-lhe uma palavra: nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-lo." (Mat. 22:42-46)

Voltando-se então para os discípulos, o Salvador falou-lhes, diante da multidão, sobre os falsos ensinamentos e práticas dos escribas e fariseus. Usou freqüentemente o termo hipócritas, referindo-se aos pretensos mestres, concluindo sua denúncia, chamando-os de "serpentes" e "raça de víboras". (Mat. 23:33)

A seguir, o Salvador lamentou Jerusalém, lembrando ao povo quantos profetas haviam sido enviados para aquela área, e quão freqüentemente o povo os rejeitara. Ele também predisse a destruição que viria sobre o povo e a cidade, declarando, com referência ao templo, que "não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada." (Mat. 24:2)

Em seguida, o Salvador foi para o Monte das Oliveiras, onde os discípulos se achegaram a ele, em particular, pedindo-lhe que explicasse suas profecias referentes à destruição de Jerusalém e os eventos que se seguiriam até o fim do mundo. Os ensinamentos do Salvador a esse respeito ocupam três capítulos nos Evangelhos. (Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21)

Contudo, a fim de deixar esses ensinamentos ainda mais claros e compreensíveis, o

Salvador os revelou ao Profeta Joseph Smith nesta dispensação, sendo encontrados nos escritos de Joseph Smith, cap. 1, na Pérola de Grande Valor. O Salvador declara ali especificamente: "Eis que vos falo estas coisas por amor dos eleitos." (Vers. 23) Assim, toda pessoa que elegeu e decidiu seguir o Salvador e suas leis, deveria rever cuidadosamente tais ensinamentos.

Depois de esclarecer os pontos específicos levantados pelos discípulos, o Salvador conclui suas palavras daquele dia, apresentando as últimas três parábolas registradas no Novo Testamento: a das dez virgens, dos talentos e do julgamento inevitável.

O Salvador voltou então para Betânia, a fim de passar a noite e preparar-se para a difícil provação que o aguardava.

QUINTO E SEXTO DIA (QUINTA E SEXTA-FEIRA)

As Escrituras dão poucos pormenores das ocorrências da primeira parte do quinto dia. Há indicações de que, em algum momento durante o dia, Judas Iscariotes combinou com os "principais dos sacerdotes e os fariseus" trair Cristo e entregá-lo nas mãos deles. O Salvador também deu instruções aos discípulos sobre onde iriam comemorar a festa da Páscoa judaica.

Várias coisas importantes aconteceram durante a refeição

da Páscoa no "aposenso" superior, um "grande cenáculo" pertencente a certo homem em Jerusalém. (Vide Marcos 14:14-15) Ali foi revelado que Judas Iscariotes seria aquele que ia trair o Salvador. Ali foi instituído o sacramento da ceia do Senhor. Ali o Salvador banhou os pés dos discípulos e pediu-lhes que continuassem a realizar essa ordenança.

Depois de Judas haver saído, o Salvador deu um novo mandamento aos discípulos remanescentes com estas palavras: "Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis." (João 13:34) Foi na mesma ocasião que deu este conselho a Pedro: "...quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22:32)

O Salvador lembrou aos discípulos que logo os deixaria, mas eles não ficariam abandonados, pois enviaria "outro Consolador", o Espírito Santo. Explicou que o Espírito Santo "vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (João 14:26)

Então o Salvador pronunciou a soberba alegoria da videira e das varas, na qual diz: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador... Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto..." (João 15:1,5)

Isto foi seguido da oração "sumo sacerdotal" do Salva-

dor, na qual ele diz: "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti;

"Assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste.

"E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". (João 17:1-3)

A afirmativa "é chegada a hora" foi logo seguida da saída do Salvador do cenáculo, indo para o Monte das Oliveiras e Jardim do Getsêmani, onde ocorreu um dos eventos mais importantes e transcendentais de toda a história do mundo. Foi ali que ele expiou as transgressões originais de Adão e Eva, e foi onde tomou sobre si os pecados de toda a humanidade, sob a condição de se arrependerem das faltas cometidas.

O que aconteceu no Jardim do Getsêmani e nos três dias seguintes foi tão importante, que o Salvador exclamou: "...para isto vim a esta hora". (João 12:27)

Ao deixar o Jardim do Getsêmani, o Salvador encontrou-se com Judas e os "principais dos sacerdotes, e capitães do templo, e anciãos" que vinham prendê-lo e levá-lo a julgamento. (Lucas 22:52)

Os acontecimentos do resto daquela noite e do dia seguinte (sexta-feira) são relatados pelos autores dos quatro Evan-

A Maior Semana Da História

lhos, e incluem a apresentação de Jesus, e seu julgamento ilegal diante do sumo sacerdote (Caifás) e do sinédrio, onde a princípio foi acusado de sedição (perturbação da paz), e a

"A acusação de blasfêmia agora fora mudada para alta traição, o mais grave crime na lei romana."

seguir de blasfêmia (assumir falsamente o poder de Deus), a mais grave acusação na lei judaica.

Quando lhe perguntaram diretamente: "Conjuro-te... que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus." (Mat. 26:63), sua resposta foi clara e definitiva: "Eu o sou." (Marcos 14:62) Então o sumo sacerdote bradou: "Blasfemou; para que precisamos ainda de testemunhas?... É réu de morte." (Mat. 26:65-66)

E assim, deu-se a maior ironia da história, pois Jesus, o Filho divino de Deus, a única pessoa incapaz de assumir falsamente o poder de Deus, foi pronunciado culpado de blasfêmia! Além disso, a única pessoa desde a queda de Adão a ter poder sobre a morte física foi condenado a morrer! Todavia, o conselho judeu havia perdido o direito de impor a pena capital por decreto romano;

por isso, os líderes do sinédrio mandaram-no a Pilatos, para que fosse promulgada a sentença de morte oficial.

E o Salvador, assim, foi levado diante de Pôncio Pilatos, o presidente da Judéia que residia em Cesaréia, mas que acontecia estar em Jerusalém por causa das festividades judaicas. Pilatos veio para fora, a fim de ouvir as acusações. Estas agora foram mudadas para alta traição, o mais grave crime na lei romana. Para apoiar tal acusação contra o Salvador, os membros do sinédrio alegaram falsamente que o Salvador proibira o povo de pagar tributo a César (quando na realidade dissera: "Dai a César o que é de César..." (Mat. 22:21), acusando-o ainda de se dizer rei. (Lucas 23:2) Quando Pilatos lhe perguntou diretamente: "Tu és o Rei dos Judeus?" (Lucas 23:3), o Salvador respondeu: "O meu reino não é deste mundo." (João 18:36) Não encontrando nele culpa alguma, Pilatos estava por inocentar Jesus, quando um dos sacerdotes afirmou que ele estivera pregando subversão, "começando desde a Galiléia até aqui." (Lucas 23:5)

Assim que soube ser Jesus galileu, Pilatos mandou o Salvador a Herodes, governador vassalo da província da Galiléia, que também se encontrava em Jerusalém para os festejos da Páscoa. No entanto, por negar-se a responder a qualquer das perguntas feitas

por Herodes, os membros do sinédrio, que estavam decididos a conseguir a pena de morte para ele, levaram-no novamente perante Pilatos.

Pilatos continuava não encontrando culpa nele, o que declarou acrescentando: "Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei." (Lucas 23:16) Pilatos ainda lembrou aos judeus que era costume soltar um preso durante a época da Páscoa, e estava disposto a invocar tal precedente para soltar Jesus. O povo, entretanto, clamou: "...solta-nos Barrabás." (Lucas 23:18); assim, foi solto um assassino e culpado de sedição, enquanto o inocente continuou preso.

Perguntando Pilatos finalmente ao povo o que desejavam que fizesse com Jesus, seu grito medonho foi: "Crucifica-o, crucifica-o." (Lucas 23:21)

Pilatos, então, replicou que não via culpa naquele homem e que lavava suas mãos quanto ao sangue dele. Ouviu-se nesse instante o brado condenatório: "O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (27:25) Ainda assim, Pilatos estava prestes a deixar que o Salvador se fosse depois de açoitado apenas, quando alguém dardejou: "Se soltas este, não és amigo do César: qualquer que se faz rei é contra o César." (João 19:12) Tal ameaça provou ser demais para Pilatos, pois todo poder que possuía recebera das mãos de César.



Calvário de Gólgota, reverenciado por muitos como o local de crucificação de Jesus.

Assim, Pilatos finalmente concordou com a crucificação e entregou Jesus aos soldados para ser flagelado.

Seguiu-se então a torturante caminhada para o Gólgota, durante a qual Simão, o Cireneu, ajudou o exaurido corpo físico do Salvador a carregar a cruz.

Pilatos havia antes ordenado que fossem inscritos na cruz os dizeres "JESUS NAZARENO, REI DOS JUDEUS", em hebraico, grego e latim. Quando os líderes judeus tentaram fazê-lo mudar a inscrição de

"REI DOS JUDEUS" para "ele disse: Sou Rei dos Judeus", Pilatos replicou: "O que escrevi, escrevi." (João 19:21-22)

Era aproximadamente a hora terceira (9:00 horas) do sexto dia (sexta-feira), quando Jesus foi pregado na cruz. Não obstante o sofrimento provocado pelos cravos, o Salvador ainda pôde olhar para os romanos mais tarde e dizer: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34)

Por volta do meio-dia, houve um forte terremoto, que entre

outras coisas, fez com que o véu do templo se rasgasse. A luz do sol também foi obscurecida, e "houve trevas em toda a terra até a hora nona." (Lucas 23:44)

Eram mais ou menos quinze horas, quando o Salvador, exclamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mat. 27:46) Depois, falou: "Está consumado." (João 19:30) e "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito." (Lucas 23:46)

Assim, aquele que tinha po-

A Maior Semana Da História

der sobre a morte, poder recebido do Pai, entregou sua vida voluntariamente, a fim de que fosse vencida a morte física e todos nós pudéssemos viver para sempre.

“Aquele que tinha poder sobre a morte, entregou sua vida voluntariamente, a fim, de que todos nós pudéssemos viver eternamente.”

De acordo com a lei eclesiástica, não era lícito deixar um corpo insepulto no sábado. Por isso, aproximando-se o pôr do sol, os seguidores do Salvador, após retirarem o corpo da cruz, prepararam-no apressada e incompletamente para o sepultamento. O corpo então foi baixado ao sepulcro oferecido por um discípulo seu, José de Arimatéia.

E assim terminou a sexta-feira, talvez o dia mais negro da história.

SÉTIMO DIA (SÁBADO)

O Novo Testamento praticamente silencia a respeito das ocorrências do sétimo dia, enquanto o corpo do Salvador jazia na tumba. O mais extenso relato encontrado nos quatro Evangelhos é o sucinto comentário de Lucas de que “no sábado repousaram, conforme o mandamento.” (Lucas 23:56)

Mais tarde, entretanto, Pedro mencionou algumas ocor-

rências daquele sétimo dia:

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito;

“No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão...”

“Porque por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito.” (I Pedro 3:18-19; 4:6)

Enquanto o Salvador ainda permanecia na cruz, ele insinuou alguns de seus atos no futuro imediato, pois prometeu ao ladrão arrependido: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.” (Lucas 23:43) Tempos antes, durante seu ministério, ele profetizara a respeito de suas atividades no mundo espiritual pós-terreno:

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão.

“Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo.

“E deu-lhe poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem.” (João 5:25-27)

O Senhor revelou a Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja nesta dispensação, o que realmente ocorreu naquele dia momentoso, que na eter-

nidade promete ser uma das mais importantes datas de todos os tempos. (Vide **A Doutrina do Evangelho**, Vol. 2, Cap. 37, “A Visão da Redenção dos Mortos”.)

O Livro de Mórmon nos fala igualmente de algumas das atividades de Jesus no sétimo dia, enquanto seu corpo jazia no sepulcro em Jerusalém. Foi nesse dia que o Salvador falou das trevas aos sobreviventes nefitas no continente americano. Ele não se mostrou nessa ocasião, mas falou-lhes, dizendo entre outras coisas:

“Eis que sou Jesus Cristo, o Filho de Deus. Eu criei os céus, a terra e todas as coisas que neles há. Tenho estado com o Pai desde o princípio. Estou no Pai e o Pai está em mim, e em mim o Pai glorificou seu nome.

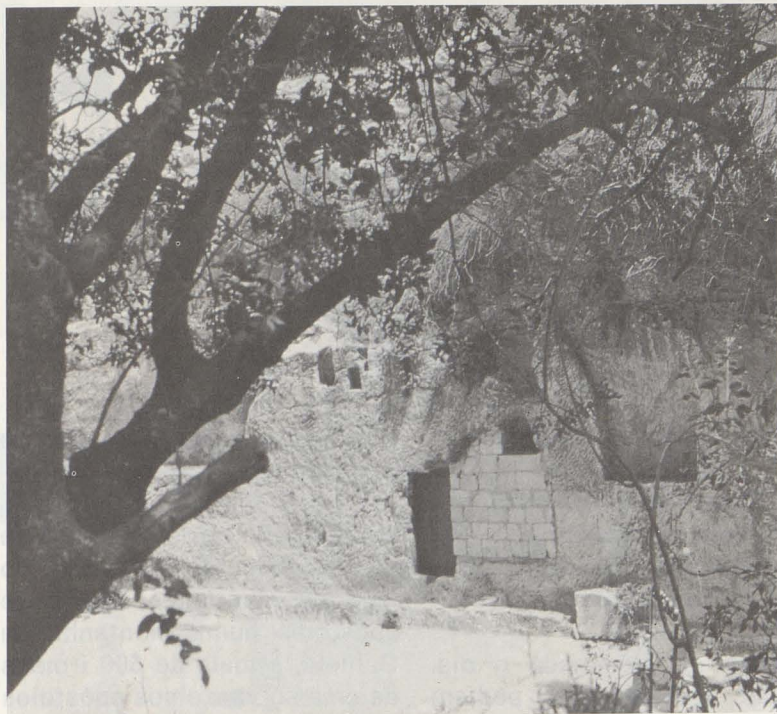
“Vim aos meus e os meus não me receberam. E as Escrituras relativas à minha vinda se cumpriram.

“E a todos os que me receberam concedi que se tornassem filhos de Deus; e o mesmo farei a todos os que crerem em meu nome, pois eis que por mim vem a redenção...” (III Néfi 9:15-17)

Para muitos povos na terra, o sétimo dia foi o de trevas físicas; porém, foram somete as breves trevas da noite que deviam preceder à mais gloriosa alvorada da história.

OITAVO DIA (DOMINGO)

Embora a ressurreição tives-



Sepulcro onde possivelmente
ficou o corpo de Jesus.

"Jardim da Ressurreição"
visto do interior do
sepulcro.



A Maior Semana Da História

se ocorrido no oitavo dia, segundo o tempo realmente decorrido, não se passara ainda uma semana completa desde que Jesus saíra de Betânia para ir a Jerusalém, no domingo anterior.

João conta que estava “ainda escuro” no “primeiro dia da semana” (João 20:1), quando Maria Madalena e a “outra Maria” chegaram ao sepulcro do Salvador, para ungir seu corpo com ungüentos que traziam. Todavia, encontraram o sepulcro vazio, e um anjo explicou-lhes logo por que o corpo do Salvador não estava mais ali: “Não tenhais medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia. Ide, pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos...” (Mat. 28:5-7)

E assim, as trevas e o desespero da sexta-feira foram transformados na luz e alegria do dia em que o Salvador ressuscitou dos mortos, rompendo para sempre as cadeias da morte física e garantindo a todos uma vida após a morte. Qual o evento em toda a história que se pode comparar a isto?

“As trevas e desespero da sexta-feira foram transformados em luz e alegria, quando o Salvador ressuscitou.”

Antes de terminado o dia, muitas testemunhas podiam testificar a literalidade da ressurreição, não só por causa das aparições do Cristo ressurreto, mas também devido às aparições de outros seres ressuscitados, pois Mateus registra que “muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos.” (Mat. 27:52-53)

Os povos do Livro de Mórmon também tiveram essas testemunhas adicionais, pois exatamente como profetizara Samuel, o lamanita, após o ressurgimento do Salvador no continente oriental, numerosos corpos de santos nas Américas “se levantaram e apareceram a muitos e lhes ministraram.” (III Néfi 23:11)

Durante as semanas seguintes, o Cristo ressurreto apareceu várias vezes, inclusive a Maria Madalena, às outras mulheres, aos dois discípulos no caminho de Emaús, a Pedro, a

dez dos apóstolos no dia da ressurreição, aos onze apóstolos (incluindo Tomé) uma semana mais tarde, a sete de seus discípulos na praia do lago de Tiberíades, aos onze apóstolos numa montanha da Galiléia, a mais de 500 irmãos de uma só vez, e aos apóstolos no momento em que ascendeu aos céus. O Livro de Mórmon fala de aparições adicionais de Cristo, inclusive de uma aparição a mais de duas mil e quinhentas pessoas, e posteriormente a grupos ainda mais numerosos.

A ressurreição de Cristo é um dos eventos da história mais cuidadosamente documentados, como realmente merecia ser, pois foi o acontecimento culminante da mais importante semana na história do mundo.

O Apóstolo João dá as seguintes razões para incluir em seu Evangelho os principais acontecimentos da derradeira semana da vida terrena do Salvador: “Estes ... foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.” (João 20:31)

O Irmão Ludlow é atualmente coordenador de planejamento e correlação de currículo para a Igreja.
Fotos de Doyle L. Green.



O Grupo De Busca

Mary Joyce Capps

O coração de Eduardo palpitava de medo, enquanto o pequeno grupo de escoteiros ouvia as instruções, encolhidos debaixo da chuva gelada. Deviam dispersar-se em forma de leque, examinando ravinas, maciços de moitas e o pequeno riacho em busca de um homem idoso que saíra de um abrigo de anciãos na manhã do dia anterior.

— O velho está fraco e, a esta altura, pode ter perdido seu capote e sapatos, — prosseguiu o líder. — Pode estar deitado por aí, tão fraco que não possa gritar por socorro. Estamos lutando contra o tempo com toda essa umidade. É por isso que pedimos a ajuda de vocês. Vamos começar logo!

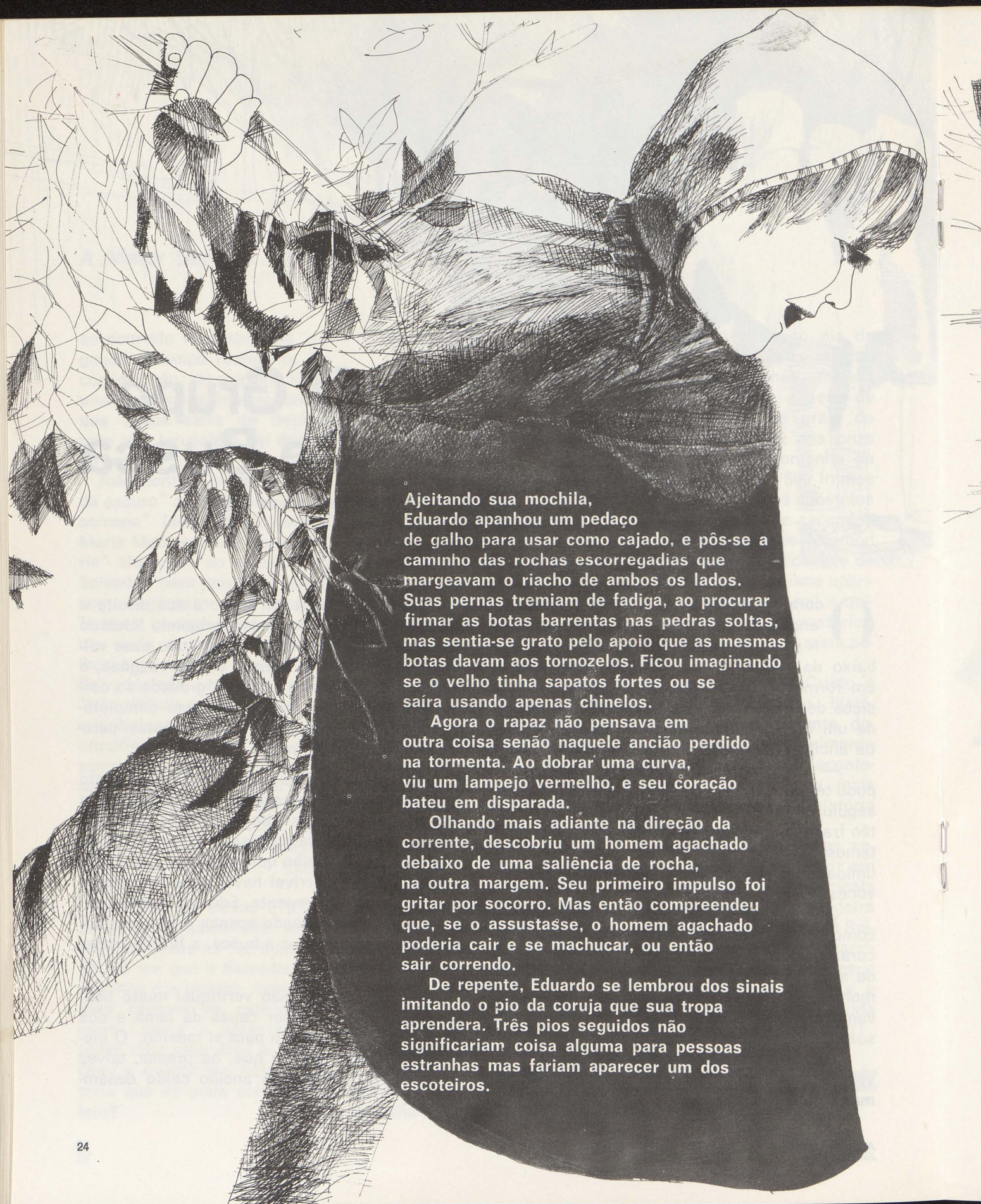
Os rapazes se dispersaram rapidamente como haviam sido instruídos. A princípio, procuraram ficar à vista um do outro, mas depois de andar de um lado para outro, vasculhando moitas de arbustos e capins que lhe chegavam à cintura, Eduardo repentinamente se viu sozinho.

Seguir uma trilha difícil com o grupo é divertido, pensou ao prosseguir com dificuldade, mas isto é trabalho duro.

Às vezes, havia um fosso à sua direita e moitas na banda esquerda, obrigando Eduardo a vasculhar os dois lados. Com todo esse vai-vém, seu **poncho** já sofrera alguns rasgões, e sentia a roupa úmida e gelada grudada ao corpo. As barras das calças estavam completamente enlameadas, enquanto as botas pareciam feitas de chumbo.

Finalmente, Eduardo sentou-se num resto de tronco para descansar e tirar o barro das botas. A princípio, sentia-se simplesmente saturado de toda aquela canseira. Depois, começou a pensar no velho que estava ao desabrigo naquele tempo horrível havia mais de vinte e quatro horas. De repente, Eduardo sentiu vergonha de haver pensado apenas em si mesmo, com pressa de acabar a busca, a fim de poder voltar para casa.

— Na verdade, não verifiquei muito bem ao longo do riacho por causa da lama e dos espinheiros, — admitiu para si mesmo. O menino tremeu ao pensar que, na pressa, talvez deixasse de reparar no ancião caído desamparado.



Ajeitando sua mochila, Eduardo apanhou um pedaço de galho para usar como cajado, e pôs-se a caminho das rochas escorregadias que margeavam o riacho de ambos os lados. Suas pernas tremiam de fadiga, ao procurar firmar as botas barrentas nas pedras soltas, mas sentia-se grato pelo apoio que as mesmas botas davam aos tornozelos. Ficou imaginando se o velho tinha sapatos fortes ou se saíra usando apenas chinelos.

Agora o rapaz não pensava em outra coisa senão naquele ancião perdido na tormenta. Ao dobrar uma curva, viu um lampejo vermelho, e seu coração bateu em disparada.

Olhando mais adiante na direção da corrente, descobriu um homem agachado debaixo de uma saliência de rocha, na outra margem. Seu primeiro impulso foi gritar por socorro. Mas então compreendeu que, se o assustasse, o homem agachado poderia cair e se machucar, ou então sair correndo.

De repente, Eduardo se lembrou dos sinais imitando o pio da coruja que sua tropa aprendera. Três pios seguidos não significariam coisa alguma para pessoas estranhas mas fariam aparecer um dos escoteiros.



Subindó a encosta escorregadia até a tri-
lha, Eduardo afastou-se uns cem metros e sol-
tou os sinais. Nas duas primeiras vezes não
houve resposta mas, quando seus ouvidos trei-
nados captaram um pio indistinto após o ter-
ceiro chamado, ele voltou para um ponto de
onde podia observar o velho e dar sinais
baixos para guiar os companheiros.

O velho rolou de lado uma vez. Depois,
sentou-se e ficou prestando atenção aos pios
de coruja.

Não demorou, outro escoteiro enxovalhado
de lama apareceu na ravina. Sinalizando silên-
cio, Eduardo desceu apressadamente a bar-
ranca, fazendo o menor ruído possível e expli-
cou que encontrara o homem perdido.

— Vá correndo buscar ajuda, — pediu
Eduardo. — Mas não comece a gritar por so-
corro, enquanto ele puder ouvi-lo. Temos que

ter cuidado para não amedrontá-lo, pois, do
contrário, pode querer fugir.

Quando novamente só, Eduardo atravessou
o riacho e foi andando em direção do velho.
Assobiando baixinho, enquanto patinhava pela
água rasa, fingiu estar surpreso ao encontrar
alguém abrigado debaixo da pedra.

— Olá! — cumprimentou. — Não gostaria
de compartilhar meu lanche?

Quando viu Eduardo tirar sanduíches e
uma garrafa térmica da mochila, fome e impa-
ciência substituíram a expressão de medo nos
desbotados olhos azuis. Mas o velho continuou
calado, enquanto estendia a mão trêmula para
aceitar o pão e o leite. Eduardo tirou um co-
bertor com o qual abrigou o frágil ancião.

Havia comida de sobra, mas Eduardo sen-
tia tal nó na garganta, que mal conseguiu en-
golar metade de um sanduíche. Só o que con-
seguia pensar era que, por um triz, deixara de
encontrar o pobre velho.

— Saí para dar uma caminhada e me perdi,
— explicou o ancião, depois de comer o san-
duíche. Depois, enrolou-se melhor no cobertor
e, igual criança cansada, adormeceu.

Quase antes de se dar conta, Eduardo
viu-se rodeado de outros do grupo de busca,
todos ansiosos em ajudar. Pouco tempo depois,
os encarregados levavam o velho embora dei-
tado numa padiola, e Eduardo suspirou aliviado.

A chuva continuava caindo, e ele estava
todo molhado, com frio e exausto, mas ainda
assim, Eduardo sentia-se tão bem e aquecido
intimamente, que era como se o sol estivesse
brilhando!

A Primeira Páscoa

Mateus 26, 27
Marcos 14, 15
Lucas 22, 23
João 18, 19



1. Homens iníquos foram ao Jardim do Getsêmani para prender Jesus.



4. Os discípulos de Jesus tomaram seu corpo e sepultaram-no numa tumba de um horto nas proximidades.



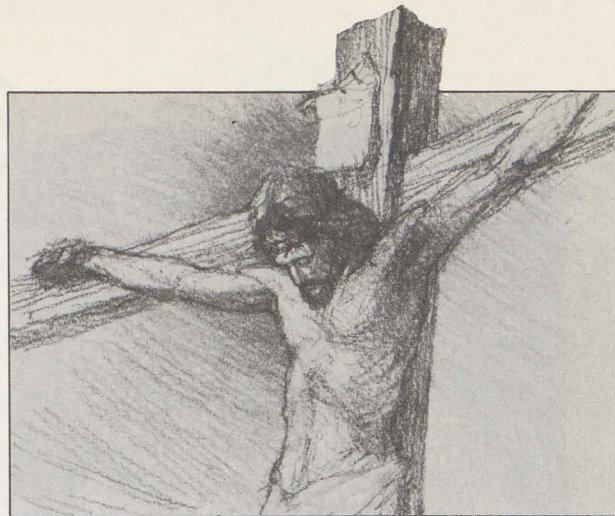
5. Os que haviam morto Jesus, rolaram uma grande pedra diante da entrada da tumba, e postaram sentinelas para guardar o local.



8. Maria Madalena voltou ao sepulcro, depois de passar a mensagem. Enquanto estava junto à entrada chorando, Jesus apareceu-lhe. Mais tarde, mostrou-se a muitos outros mais.



2. Eles o levaram para um lugar chamado Calvário, onde foi crucificado entre dois ladrões.



3. Pregado na cruz, Jesus orou: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem." A seguir, bradou: "Está consumado." e, inclinando a cabeça, morreu.



6. Terminado o sábado, várias mulheres foram ao sepulcro. Chegando ali, viram que não havia mais nenhum guarda e que a pedra estava afastada.



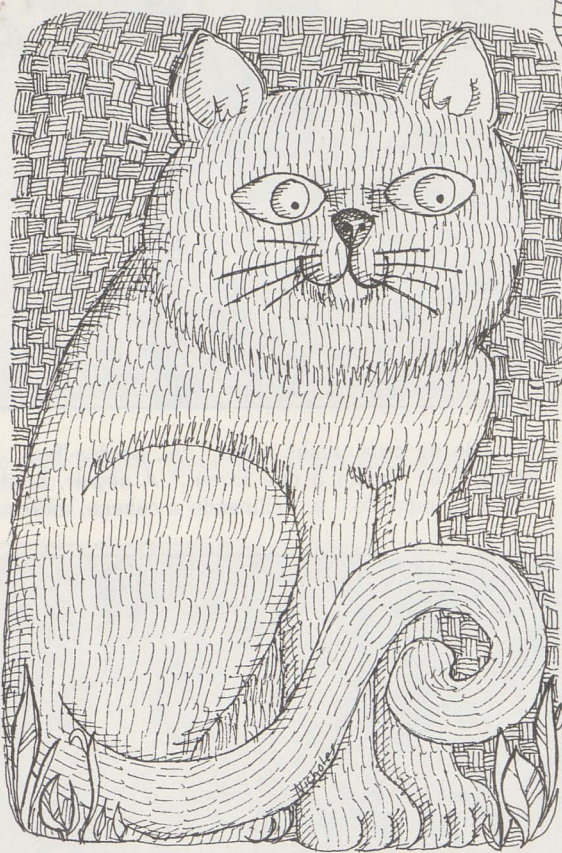
7. Então, apareceu um anjo para informá-las de que Cristo havia ressuscitado da morte, conforme prometera. O mensageiro mandou que as mulheres fossem procurar os discípulos de Jesus e lhes contassem o ocorrido.



9. Jesus apareceu numa sala em que os discípulos estavam reunidos, ficando com eles durante quarenta dias, ensinando e curando.



10. Um dia, diante dos olhos dos discípulos, Jesus foi elevado aos céus. Dois anjos declararam: "Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir."



O GATO E O RATO

Betty Hubka

Há muito tempo, o gato e o rato eram bons amigos. Viviam em perfeita paz, numa linda ilha onde havia muitos pássaros para o gato comer e uma porção de raízes de mandioca para alimentar o rato. Mas, um dia o gato se queixou:

— Estou cansado de viver nesta ilha, onde não se come outra coisa senão pássaros.

— Então vamos para a terra firme, — sugeriu o rato. — Ali a gente arranja uma boa casa de aldeia, onde possamos viver sem você ter que caçar e eu ser obrigado a cavar a terra para comer.

— Boa idéia, — concordou o gato. Mas como vamos sair desta ilha?

— Ora, posso fazer uma canoa e uns remos de raízes de mandioca, — ofereceu-se o rato.

E assim, os dois amigos foram procurar uma raiz de mandioca bem grande, e o rato se pôs a roer, roer, até cavar lugar suficiente para ambos. Então os dois se meteram na canoa improvisada e começaram a remar em direção da terra firme.

Acontece que a distância era bem maior do que haviam imaginado. E como não se lembraram de levar comida, logo ficaram cansados e famintos.

— Puxa, se ao menos a gente tivesse pensado em trazer algo para comer, — suspirou o gato. — Estou quase desmaiando de fome.

— Eu também, — respondeu o rato. — Vamos parar de remar e tirar uma soneca, assim o tempo passa mais depressa. Quem sabe, quando a gente acordar, a maré tenha levado o barco até a praia.

— Idéia genial! — concordou o gato, enroscando-se na ponta da canoa para dormir.

O rato também se acomodou, mas não dormiu. Em vez disso, ficou pensando em quanta fome estava sentindo. De repente, lembrou-se de que a canoa era feita de mandioca, e mandioca era boa para comer.

Vou comer só um pedacinho, falou de si para si, pondo-se a roer no fundo do barco.

O gato, ouvindo o ruído, acordou.

— Que barulho é esse? — perguntou.

O rato parou de roer, fingindo dormir.

— Devo ter sonhado, — disse o gato para si mesmo, vendo que estava tudo quieto, e voltou a dormir.

Assim que viu o gato ferrado no sono, o rato voltou a roer o fundo da canoa.

O gato, novamente despertado pelo barulho, perguntou:

— Que ruído é esse?

Pela segunda vez, o rato deixou de mastigar, fingindo dormir. O gato, não ouvindo nada, achou que estivera sonhando mais uma vez e se enroscou novamente.

Depois de ver o gato dormindo, o rato pôs-se a roer pela terceira vez. Subitamente, começou a entrar água onde o rato comia. Tinha roído tanto, que fizera um furo no fundo da canoa!

O gato despertou com água pelo pescoço.

— Socorro, socorro! — gritou, desesperado.
— Estamos afundando!

Então ele viu o furo feito pelo rato e ficou muito, muito zangado mesmo.

A canoa foi ao fundo e os dois tiveram que nadar para não morrerem afogados.

— Por causa disto, vou comer você assim que chegarmos à praia! — bufou o gato, louco de raiva.

Afinal, chegaram à costa. O rato estava muito preocupado, mas procurou manter a cabeça fria.

— Não me coma agora, — disse ele. Se você esperar até que meu pêlo enxugue o seu também estará quase seco.

O gato concordou em esperar, pois detestava sentir-se molhado. Logo pôs-se a lamber o pêlo encharcado. E acabou tão entretido em alisar e dar brilho ao pêlo, que nem reparou no que fazia o rato — cavava um buraco no chão.



Finalmente, os dois estavam secos.

— Estou pronto para comê-lo, — miou o gato. Deu o bote, mas o rato, mais do que depressa, mergulhou no buraco em forma de túnel, onde o gato não conseguia pegá-lo. O gato ficou sentado junto ao buraco à espreita.

— Algum dia ele terá que sair, — disse de si para si.

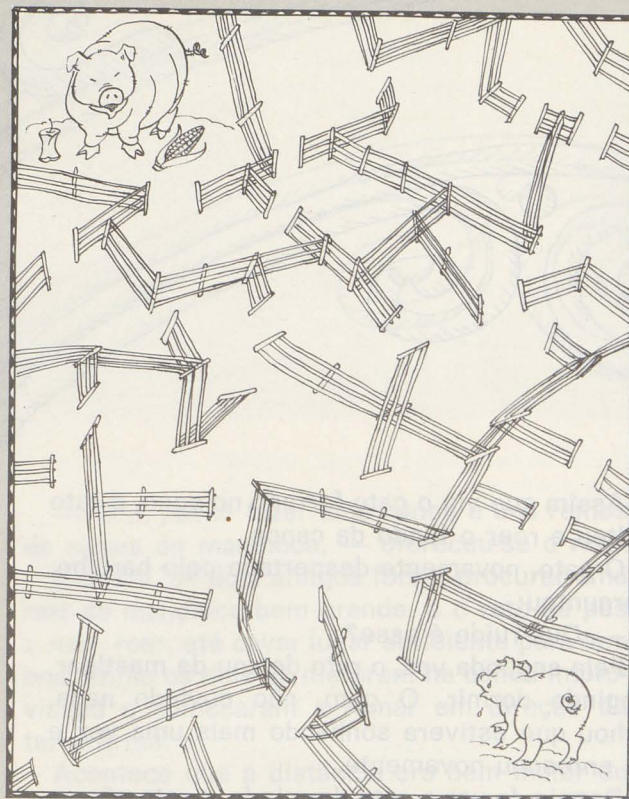
Enquanto isso, o rato ficou cavando, cavando até sair do outro lado da árvore. Afastando-se sorrateiramente, foi procurar uma casa para morar na vila mais próxima.

O gato não percebeu que o rato escapara pelo buraco no lado oposto da árvore. Ficou sentado, vigiando, à espera de que o rato aparecesse, o que naturalmente nunca aconteceu!

E até hoje, um gato nunca dorme tão profundamente que não ouça o barulho de um rato roendo, e os ratos sempre acham que há um gato esperando por eles.

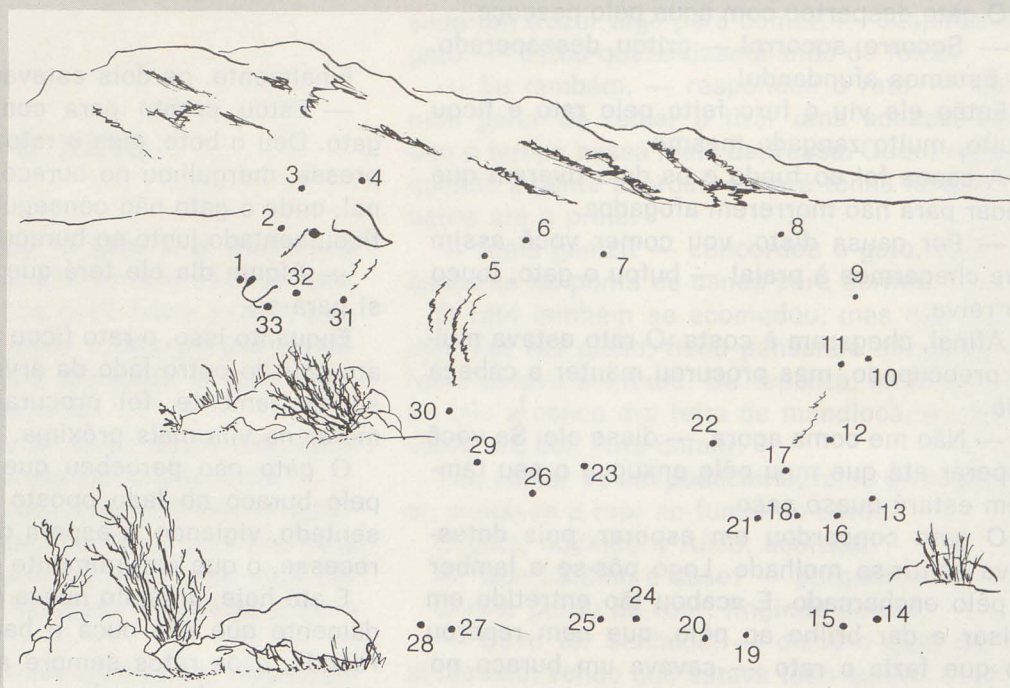
Só
Para
Divertir

Labirinto
Ajude o porquinho a
voltar para casa.



Charada de Pontinhos

Ligue o ponto 1
ao de número
33 e descobrirá
uma coisa
encontrada nos
rebanhos.
O que será?



Ali no chão, desfeita em mil pedaços, estava a grande tigela amarela de mamãe. Eu tinha vontade de chorar — e quem sabe chorei mesmo. Louça era difícil de conseguir e custava uma porção de dinheiro. Lembrei-me de todos os doces que mamãe costumava preparar dentro dela, os deliciosos sonhos fofinhos, as massas de bolo e outras delícias. Onde iria batê-los agora?

Era a minha vez de enxugar a louça e pensei que estava sendo cuidada; mas não sei como a tigela me havia escapado das mãos, e lá se foi ao chão. Antes de poder ajuntar os cacos, mamãe entrou. Eu não sabia o que esperar; será que ficaria zangada ou iria chorar?

Nem uma coisa nem outra. Ela mostrou a compostura tão característica de sua pessoa. Sua preocupação não era com o que substituiria a tigela, mas sim para comigo — que eu não levasse o pequeno incidente a sério demais.

É formidável ter uma grande tigela amarela para bater massas; mas é maravilhoso ter uma compreensiva mãe.

Por Ky Lyman Bishop

A Tigela Amarela



Como Enfrentar A Tentação

Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho." (Apoc. 21:7)

Todas as Escrituras, antigas e modernas, nos ensinam que as tentações não provêm de Deus, mas de Satanás, ou são o resultado de nossos próprios desejos ou fraquezas.

"Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta.

"Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência.

"Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte." (Tiago 1:13-15)

O Livro de Mórmon oferece esta explicação:

"E a causa dessa iniquidade do povo era resultante do grande poder que Satanás obtivera sobre ele, até o extremo de induzi-lo a se entregar a toda sorte de iniquidades ... E assim Satanás desencaminhou os corações do povo ... permitindo que as tentações do demônio o levassem para onde quer que este quisesse ... (III Néfi 6:15-17)

Até mesmo Jesus sentiu a tentação em todas as suas formas. Alma profetizou:

"... sofrerá apenas, angústias e tentações de toda espécie, e isto para que se cumpra a palavra que diz que ele tomará sobre si as dores e enfermidades de seu povo. (Alma 7:11)

E o anjo disse ao Rei Benjamim que Jesus sofreria "tentações, dores corporais, fome, sede e cansaço maiores do que o homem pode suportar, sem morrer." (Mosiah 3:7)

Lemos que Jesus "em tudo foi tentado, mas sem pecado." (Hebr. 4:15) E Abinadi declarou que Jesus sofreu tentações, mas não cedeu a elas. (Ver Mosiah 15:5) E a Joseph Smith foi revelado que "ele sofreu tentações, mas delas não fez caso." (D&C 20:22)

O Senhor sabe como resgatar-nos do poder da tentação, e visto como o demônio possui grande habilidade para tentar engodar-nos é preciso que conheçamos o meio de nos livrar-

mos e escaparmos desse seu poder. Lemos que Jesus sofreu tentações, para que pudesse "conhecer, segundo a carne, como socorrer o seu povo, de acordo com suas enfermidades". (Alma 7:12)

Pedro diz que o Senhor sabe "como livrar da tentação os piedosos" (II Pedro 2:9), e nestes últimos dias, o Senhor assegurou-nos que "conhece as fraquezas dos homens e sabe como socorrer os tentados." (D&C 62:1)

Seguem alguns meios fornecidos pelo Senhor, para proteger o seu povo contra as tentações de Satanás:

Diz a Escritura: "Sujeita-vos pois a Deus, resisti ao diabo e ele fugirá de vós. (Tiago 4:7)

A princípio Satanás disse zombeteiramente a Jesus: "Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem pão." Sendo repellido, tentou por outro meio: "Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui (do templo) abaixo ..." Vendo-se novamente repellido, o demônio mostrou a Jesus "todos os reinos do mundo e a glória deles". E desta vez, em desespero de causa, disse-lhe: "Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares." Jesus repeliu-o mais uma vez e "então o diabo o deixou". (Vide Mat. 4:3-11)

Portanto, como dizem as Escrituras: "Bem-aventurado o varão que sofre (resiste) a tentação ..." (Tiago 1:12) Semelhantemente, Alma mandou que o povo fosse ensinado a resistir "a todas as tentações do demônio, com sua fé no Senhor Jesus Cristo". (Alma 37:33)

A oração é uma defesa contra o poder da tentação. Jesus diz:

"... deveis velar e orar sempre, para que não sejais tentados pelo demônio e dele não vos torneis cativos ... a fim de que vos livreis vos sujeiteis a nenhuma tentação, mas para vos peneirar como trigo. (III Néfi 18:15,18)

E Morôni aconselhou:

"Sede prudentes nos dias de vossa prova-

Evitando-a, Resistindo e Pedindo Ajuda

ção; despojai-vos de todas as impurezas ... pedi com inquebrantável firmeza, para que não vos sujeiteis a nenhuma tentação, mas para que possais servir ao verdadeiro Deus vivente." (Mórmon 9:28)

Alma também prescreve: "... (sede) vigilantes em oração continuamente, para não caídes na tentação do diabo, de modo que ele não possa subjugar-vos ... pois que ele não vos recompensará com boa coisa." (Alma 34:39)

Entretanto, alguns não queriam usar o auxílio disponível, "nem queriam observar os ritos da igreja e continuar a orar e suplicar diariamente a Deus para não caírem em tentação." (Alma 31:10)

Além disso tudo, o Senhor providenciou um meio de proteger os santos:

"Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar." (I Cor. 10:13)

"... que vos humilheis perante o Senhor, chameis pelo seu santo nome, vigieis e oreis continuamente para não serdes tentados além do que podeis suportar e serdes assim conduzidos pelo Espírito Santo ..." (Alma 13:28)

O erro, porém, traz o castigo de um Pai amoroso, a fim de que sejamos perdoados e abençoados:

"Na verdade, assim diz o Senhor a vós... a quem amo eu também castigo para que os seus pecados possam ser perdoados, pois com o castigo eu preparo o meio de em todas as coisas livrá-los da tentação..." (D&C 95:1)

"Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija?

"E, na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela." (Hebr. 12:7,11)

E aos fiéis, ele tem dito:

"Como guardaste a palavra da minha paciên-

cia, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre o mundo, para tentar os que habitam a terra." (Apoc. 3:10)

Finalmente, Paulo o formulou precisamente: "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem." (Rom. 12:21)

Assim, pela obediência aos mandamentos do Senhor e disposição de aceitar correção de seus servos, pode-se obter "o Santo Espírito da promessa, pelo qual sois selados para o dia da redenção, a fim de que não caiais, não obstante a hora da tentação que vos poderá sobrevir." (D&C 124:124)

Finalmente, as Escrituras aconselham a que nos ajudemos uns aos outros a vencer a tentação. Jesus disse a Pedro:

"... eis que Satanás vos pediu para vos cindar como trigo; mas eu roguei por ti, para que tua fé não desfaleça; e, tu, quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22:31-32)

Mostrando grande afeição pelo pecador, diz Paulo:

"Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai a carga uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo." (Gál. 6:1-2)

"Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos... Porque também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam" (Rom. 15:1,3)

"Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos (fracos)..." (Atos 20:35)

Assim como somos ajudados por Jesus, devemos ajudar-nos uns aos outros. E como devemos enfrentar a tentação? Evitando-a, resistindo e pedindo ajuda de Deus em oração, pela graça de Cristo, para sobrepujá-la:

HEBER C. KIMBALL

HISTÓRIAS EXCEPCIONAIS DA VIDA DE NOSSOS APÓSTOLOS

A começar deste número, temos o prazer de apresentar não só uma nova série de artigos, mas esperamos também prestar valioso serviço aos nossos leitores. Existem numerosos livros sobre assuntos da Igreja à disposição dos santos de língua inglesa, mas que ainda não foram traduzidos para outros idiomas por causa do custo excessivo, entre outras razões. Entretanto, a Liahona obteve agora permissão dos editores e autores envolvidos para reproduzir certos livros nesta revista, de forma seriada. Procuramos selecionar obras que sejam informativas e inspiradoras, obras que agradarão à maioria dos leitores.

Histórias Excepcionais da Vida de Nossos Profetas*, de Leon Hartshorn, foi o livro escolhido para iniciar a nova série. O Irmão Hartshorn compilou uma série de histórias inspiradoras da vida de alguns dos apóstolos desta dispensação do Evangelho. Esses casos não apenas mostram princípios do Evangelho em ação, mas muitas vezes permitem um melhor entendimento da história da Igreja. Somos gratos à Deseret Book Company e ao Irmão Hartshorn pela permissão de reproduzirmos este e outros livros. Comuniquem-nos, se forem do seu agrado.

* Leon R. Hartshorn, compilador, *Exceptional Stories from the Lives of Our Apostles* Salt Lake City: Deseret Book Co., 1973.

Esboço Biográfico

O Élder Kimball nasceu em Sheldon, Vermont, Estados Unidos, a 16 de junho de 1801, sendo filho de Solomon Kimball e Ann Spaulding.

Conheceu os missionários mórmons no outono de 1831, tendo sido batizado em abril de 1832.

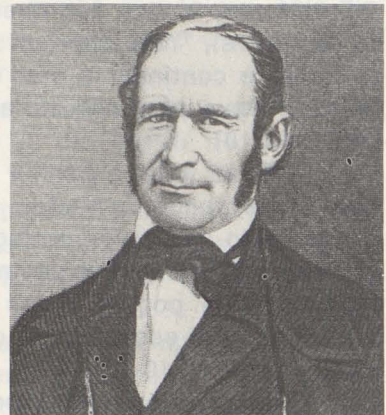
Foi chamado para o apostolado em 1835 e designado membro do primeiro Quorum dos Doze nesta dispensação.

Serviu como missionário no Canadá e Nova Inglaterra em 1835. Em 1837, foi chamado para iniciar o trabalho missionário na Inglaterra. Durante esta missão de menos de um ano, foi responsável por mil e quinhentos batismos.

Em 1840, retornou à Inglaterra, em companhia de outros membros dos Doze.

Foi um dos primeiros pioneiros a chegar ao Vale do Lago Salgado, em 1847.

O Élder Kimball foi apoiado primeiro conselheiro do Presidente Brigham Young em 1847, posição que



ocupou até a sua morte, em 22 de junho de 1868, aos sessenta e sete anos de idade.

Heber Chase Kimball levou uma vida exemplar; possuía em alto grau o dom da profecia e era muito querido pelos santos dos últimos dias.

Poucos homens na história da Igreja têm sido tão amados e honrados como o foi Heber C. Kimball. Era destemido, e ninguém podia duvidar de sua integridade e total devotamento ao Senhor Jesus Cristo.

“A Fé Numa Criança”.

Durante o inverno de 1834-1835, foi instituída uma escola de teologia, em Kirtland. Nesta escola, era costume chamar um membro, a fim de que fa-

lasse para a edificação dos demais. Certa ocasião, Heber C. Kimball foi convidado a falar sobre o assunto fé. Ele iniciou, contando um incidente ocorrido recentemente em sua família.

"Minha mulher, um dia," começou o Irmão Kimball, "antes de sair para fazer certa visita, recomendou à nossa filha Helen Mar que não mexesse nos pratos, por serem poucos, caros e difíceis de substituir. Avisou-a de que, caso quebrasse algum durante sua ausência, seria castigada assim que chegasse em casa. Enquanto a mãe estava fora," prosseguiu o Irmão Kimball, "minha filha quebrou alguns pratos ao deixar a tábua da mesa cair..."

A garotinha ficou muitíssimo assustada e, "indo para debaixo de uma macieira, orou pedindo que o coração da mãe fosse abrandado, para que não lhe batesse ao chegar em casa.

"Minha mulher primava sempre em cumprir o que prometia," disse o Irmão Kimball, "e ao chegar em casa, dispôs-se a tornar, como dever, a promessa em realidade. Foi com a menina para o seu quarto, porém sentiu-se incapaz de puni-la; seu coração estava tão enternecido, que não lhe foi possível levantar a mão contra a criança. Mais tarde, Helen contou à mãe que orara ao Senhor para não apanhar."

O Irmão Heber fez uma pausa após a simples narrativa. Os olhos de seus ouvintes estavam marejados de lágrimas; o Profeta Joseph, homem sensível e terno, também estava chorando. Disse aos Irmãos que era desse tipo de fé que precisavam: "a fé que

existe na alma de uma criança, dirigindo-se em humildade aos pais, e expondo-lhes o desejo de seu coração". Cumprimentou o Irmão Kimball, dizendo que "o caso fora bem apropriado."

"Grandes Lágrimas Rolavam-lhe Pelas Faces"

No domingo, 4 de junho de 1837, (conta Heber C. Kimball) o Profeta Joseph chegou perto de mim, quando estava sentado na frente da tribuna acima da mesa do sacramento, do lado de Melquisedeque do templo, em Kirtland, e sussurrando, disse-me:

— Irmão Heber, o Espírito do Senhor segredou-me: Que meu servo Heber vá à Inglaterra para proclamar meu Evangelho e abrir a porta da salvação àquela pátria...

Sentindo minha incapacidade para realizar tal tarefa, perguntei ao Profeta se o Irmão Brigham poderia acompanhar-me. Ele replicou que desejava que o Irmão Brigham ficasse, pois tinha outra tarefa para ele. A idéia de uma missão assim era mais do que eu conseguia suportar. Estava prestes a sucumbir sob o fardo que me era imposto.

Contudo, todas essas considerações não me desviaram da trilha do dever; no instante em que entendi a vontade do meu Pai Celestial, senti-me determinado a partir a qualquer preço, crendo que ele me sustentaria com seu poder onipotente e me dotaria de todas as qualificações neces-

sárias; e embora a família me fosse muito cara, senti que a causa da verdade, o Evangelho de Cristo, superava qualquer outra consideração...

Recebi a imposição das mãos pela Presidência, designando-me para presidir a missão e conferindo grandes bênçãos sobre minha cabeça; disseram que Deus me faria poderoso naquela nação na conquista de almas para ele; anjos acompanhar-me-iam, apoiando-me, para que meus pés jamais falseassem; que eu seria grandemente abençoado, e uma fonte de salvação para milhares, não só na Inglaterra mas na América.

Depois de ser chamado para essa missão, ia diariamente para a sala leste do sótão do templo e abria minha alma ao Senhor, rogando sua proteção e poder para cumprir honrosamente a missão que me fora designada pelos seus servos...

(Chegou o dia da partida — terça-feira, 13 de junho de 1837. A solene cena de despedida entre Heber e sua família não poderia ser traçada mais compassiva ou vividamente que pelas palavras do Élder Robert B. Thompson, que assim a descreve:)

Tendo chegado o dia da partida dos élderes para a Inglaterra, entrei na casa do Irmão Kimball, a fim de certificar-me quando partiria, visto que esperava acompanhá-lo por umas duzentas ou trezentas milhas (320 a 480 Km. N. do T.), pois pretendia trabalhar aquela temporada no Canadá.

Encontrando a porta meio aberta, entrei e fiquei estupefato pela cena que se me apresentava diante dos olhos. Eu teria retrocedido para não me intrometer, porém senti-me como que preso ao chão. O chefe da casa

estava descerrando sua alma àquele "Deus que rege nas alturas", para que lhe concedesse uma viagem propícia através do grande oceano e o tornasse útil aonde quer que fosse mandado ir, e que Aquele que: dá aos animais o seu sustento e aos filhos dos corvos, quando clamam" suprisse, na ausência dele, as necessidades de sua mulher e filhos. Em seguida, à semelhança dos patriarcas, e em virtude de seu ofício, colocou suas mãos sobre a cabeça deles, individualmente, pronunciando uma bênção paternal e encomendando-os ao cuidado e proteção de Deus, enquanto estivesse ocupado pregando o Evangelho numa terra estranha. Enquanto assim fazia, sua voz quase que se perdia nos soluços dos que o cercavam e que procuravam em vão sufocá-los. A idéia de serem separados do protetor e pai por tanto tempo era realmente dolorosa. Ele prosseguia; seu coração, porém, estava por demais afetado para fazê-lo normalmente. Dominado pelas emoções, era obrigado a calar-se de tempos em tempos, enquanto grandes lágrimas lhe rolavam pelas faces — um indício dos sentimentos que lhe iam no íntimo. Meu coração não era suficiente para resistir; mesmo a contragosto, chorei, misturando minhas lágrimas com as deles. Ao mesmo tempo, senti-me grato pelo privilégio de haver contemplado uma cena assim. Compreendi que nada poderia induzir aquele homem a separar-se de uma família tão afetuosa, de sua companheira e filhos que lhe eram tão caros — nada senão o senso de dever, o amor a Deus e o devotamento à sua causa.

"Por Favor, Senhor, Batize-me, Sim?"

(Este incidente ocorreu durante a missão do Élder Kimball na Inglaterra)

"Minhas ovelhas conhecem a minha voz e não seguirão a nenhum estranho."

Um notável exemplo desta verdade deu-se durante o ministério de Heber. Diz ele:

Tendo mencionado minha intenção de ir a Downham Chatburn a vários irmãos, estes procuraram dissuadir-me, dizendo que ali não havia a mínima probabilidade de êxito, pois diversos ministros de diferentes denominações haviam tentado em vão estabelecer igrejas naqueles lugares; tinham pregado freqüentemente àquele povo, sem resultado algum, visto que resistiram a todos os esforços e repeliram as tentativas de todas as seitas e partidos durante os últimos trinta anos, os quais, vendo baldados todos os seus esforços, os deixaram entregues à dureza de seus corações. Fui informado ainda de que eram lugares muito iníquos. Todavia, isto não me desanimou; estava convencido de que o Evangelho de Jesus Cristo podia tocar o coração, mesmo onde os evangelhos do homem malogravam; conseqüentemente, informei os irmãos de que era para aqueles lugares que eu queria ir, pois minha obrigação era chamar ao arrependimento os pecadores, e não os justos.

No dia seguinte, recebemos um convite bastante insistente para pregar em Chatburn, mas, tendo-me com-

prometido a pregar em Clithero nessa noite, informei-os de que não me seria possível atender a seu pedido naquele dia; isto não os satisfaz e continuaram a solicitar-me com a mais importuna insistência, até que me vi obrigado a ficar com eles, pedindo ao Élder Fielding que atendes-se ao compromisso em Clithero...

Fui recebido cordialmente pelos habitantes de Chatburn, que acorreram em grande número para ouvir-me pregar. Procuraram um grande celeiro de dízimas, no centro do qual colocaram um barril para eu subir. Preguei-lhes os primeiros princípios do Evangelho, falando com simplicidade sobre os ensinamentos revelados por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, das condições de perdão para o mundo pecaminoso e das bênçãos e privilégios daqueles que abraçam a verdade; falei um pouco também sobre ressurreição. Meu testemunho tinha a companhia do Espírito do Senhor e foi recebido com júbilo; e aquela gente que me fora descrita como dura e obstinada, desmanchou-se em ternura e amor. Disse-lhes que, sendo um servo do Senhor Jesus Cristo, estava sempre pronto a administrar as ordenanças do Evangelho, e expliquei o que era necessário para prepará-los para o batismo; que, quando estivessem dispostos a se arrependerem e abandonarem suas faltas, estariam prontos para ser batizados para a remissão dos pecados, assim como o carcereiro e sua família, o Cornélio e os seus. Ao concluir, senti alguém puxando meu paletó... Voltando-me, perguntei o que queria. Então, a Sra. Elizabeth Partington disse:





— O senhor poderia fazer o favor de batizar-me?

— A mim também! A mim também — ouviram-se mais de uma dúzia de vozes.

Acedendo, entrei na água e batizei vinte e cinco pessoas. Ocupei-me neste dever, confirmando-os e conversando com o povo até depois da meia-noite.

Na manhã seguinte, retornei a Downham e batizei entre vinte e cinco a trinta no decorrer do dia.

A noite, voltei a Chatburn. A congregação era tão numerosa, que fui obrigado a pregar ao ar livre, trepado num muro de pedra; a seguir, batizei diversos. Aquelas aldeias pareciam tocadas de ponta a ponta; os pais reuniam seus filhos e falando-lhes sobre as questões que eu pregara, advertiam-nos contra o hábito de praguejar e todos os outros costumes maléficos, e os instruíam quanto às suas obrigações.

Ficamos ausentes de Preston cinco dias, durante os quais o Irmão Fielding e eu batizamos e confirmamos aproximadamente 110 pessoas; organizamos ramos em Downham, Chatburn, Waddington e Clithero; e ordenamos diversos irmãos ao Sacerdício Menor, para que presidissem. Aquela foi a primeira vez que o povo dessas aldeias ouviu nossa voz ou viu um americano.

Não posso esquecer uma ocorrência que se deu enquanto o Irmão Fielding e eu passávamos por Chatburn, a caminho de Downham: Tendo sido observada nossa aproximação, a notícia correu de casa em casa, e imediatamente cessou o ruído de seus teares, e o povo juntou-se nas por-

tas para nos cumprimentar e ver passar. Mais de quarenta jovens do local correram ao nosso encontro; alguns seguraram nossos casacos e depois deram as mãos uns aos outros; alguns outros deram-se as mãos e seguiram à nossa frente, cantando as músicas de Sião, enquanto os pais observavam a cena com deleite, invocando bênçãos sobre nossas cabeças, e louvavam a Deus por ter-nos enviado para ensinar-lhes os princípios de verdade e o plano de salvação. As crianças nos acompanharam até Downham, distante um quilômetro e meio. Cena de gratidão assim eu nunca vira antes. "Sem dúvida," exclamou meu coração, "da boca dos meninos e das criancinhas de peito tiraste o perfeito louvor." O que poderia ser mais agradável e deleitoso ao Deus Onipotente do que tal manifestação de reconhecimento? E daqueles corações tidos como tão empedernidos, que não poderiam ser tocados pelo Evangelho, e que haviam sido considerados o povo mais iníquo e duro daquela parte do país."

"Mercadorias dos Estados"

1848 foi o ano da praga de gafanhotos no vale do Lago Salgado. Miríades desses insetos destruidores, verdadeira legião de fome e desespero, desciam em nuvens negras pelas encostas das montanhas, atacando os campos de cereais. As plantações ainda novas eram presa fácil à sua implacável voracidade. Eles literalmente varriam tudo diante de si co-

mo onda devastadora. A morte pela fome com todos os seus terrores parecia apresentar-se aos olhos dos pobres colonos.

Eles foram salvos por um milagre. Em meio àquele trabalho arrasador, quando aparentemente nada sobreviveria à devastação, súbito surgiram numerosos bandos de gaivotas... Vinham pilhar a praga destruidora. O dia inteiro ficaram empanturrando-se de gafanhotos e, depois de fartas, lançavam-nos fora para voltar a comer vorazmente...

Ainda assim, houve uma época de escassez. As sobras das primeiras colheitas no vale deram mal e mal para suprir as necessidades dos imigrantes que haviam começado a chegar das regiões fronteiriças e da Europa; e agora que os gafanhotos tinham devastado as plantações, havia o perigo de alguns sofrerem penúria, a despeito da interferência das gaivotas...

Foi durante essa época de miséria, quando os colonos desnutridos e maltrapilhos mal sabiam de onde tirar a próxima cêdea de pão ou os trapos para cobrir sua nudez — pois os tecidos eram quase tão escassos quanto os cereais — que Heber C. Kimball, cheio do espírito de profecia, declarou, numa reunião pública, para asombro da congregação, que dentro de pouco tempo "mercadorias dos Estados" seriam vendidas nas ruas da Cidade do Lago Salgado por preço mais barato que em Nova York, e que o povo seria abundantemente suprido de víveres e roupas.

— Não acredito numa palavra disto — disse Charles C. Rich; e ele apenas expressava os sentimentos de nove décimos dos que ouviram a es-

pantosa declaração.

O próprio Heber ficou assombrado com suas palavras, tão logo cessou a força do Espírito e o "homem natural" reassumiu o controle. Depois de retornar ao seu lugar, comentou com os irmãos que "temia ter errado desta vez". Mas aquelas palavras não provinham dele, e quem as inspirou sabia como cumpri-las.

A ocasião para o cumprimento dessa notável predição surgiu com a chegada inesperada dos "caçadores de ouro" em trânsito para a Califórnia. A descoberta de ouro naquela região como que inflamou o mundo civilizado, e centenas de caravanas de carroções com ricas cargas começaram a cruzar o continente em busca do novo eldorado. O vale do Lago Salgado tornou-se o lugar de parada para descanso daquela gente, e antes de os santos terem tido tempo para se refazer da surpresa diante da temerária profecia de Heber, o ainda mais maravilhoso cumprimento dela estava às suas portas. Os caçadores de ouro tinham um único desejo — chegar à costa do Pacífico, pois a sede de mamon havia absorvido temporariamente todo e qualquer outro sentimento e anseio. Impacientes com o progresso lento, eles lançavam fora ou vendiam por uma bagatela as valiosas mercadorias com que haviam sortido seus carroções para cruzarem as planícies ocidentais. Agora queriam trocar seus cavalos e gado esfalfados pelos cavalos e mulas novas dos pioneiros, e negociavam, mesmo com grande prejuízo, tecidos e armários, mantimentos, provisões, feramentas, roupas etc., pelas mais primitivas carroças e parrelhas, com pro-

visões apenas suficientes, se tanto, para alcançarem o destino da jornada. Assim, como havia predito o profeta Heber, "mercadorias dos Estados" estavam sendo realmente vendidas nas ruas da Cidade do Lago Salgado, por preço menor do que eram adquiridas na cidade de Nova York.

Poucos anos mais tarde, referindo-se ao incidente num sermão, diz Heber:

"O Espírito de profecia prevê acontecimentos futuros. Deus não faz acontecer uma coisa, porque a gente diz que será assim, mas porque ele decidiu que assim seja. O profeta antevê os propósitos futuros do Onipotente. É desse modo que eu profetizo, mas tenho predito coisas que não previ e duvido que alguém tenha previsto; mas eu o disse e elas aconteceram mais prodigamente do que falei; e isto se deu a respeito da situação futura da gente que chegou primeiro a este vale. Praticamente todo homem estava vestido de peles, e todos éramos pobres, necessitados e afligidos, mas todos estavam bem. Eu disse:

"— Não irá demorar, irmãos, e terão mantimentos e roupas em abundância, e serão comprados mais barato do que podem ser adquiridos nas cidades dos Estados Unidos.

"Eu não sabia que 'gentios'** estavam vindo para cá, jamais pensei em tal coisa; mas depois de haver falado, pensei que dessa vez me havia enganado. O irmão Rick comentou na época:

"— Não acredito numa palavra disso. — Nem eu tampouco acreditava; contudo, para assombro e alegria dos

santos, aconteceu da mesma forma como eu dissera, só que mais prodigamente. O Senhor me guiou certo, só que eu não sabia.

"Tenho ouvido Joseph dizer muitas vezes ter sido muito tentado a respeito das revelações que o Senhor fez por intermédio dele — pareciam-lhe absolutamente impossíveis de serem cumpridas. Não me considero um profeta; sei, porém, que todo homem e toda mulher podem sê-lo, se viverem de acordo."

* Viveres e mercadorias dos Estados Unidos do leste. Naquele tempo, Utah era um território e não estado. N. do T.

** Neste caso, o termo gentios é aplicado no sentido de não-mórmons. N. do T.

"Robert, por que se queixou ao Senhor?"

Robert Smith, amigo do Irmão Kimball e por muitos anos quase que um membro da sua família, conta: "Em 1857, eu trabalhava para o Irmão Heber e pedi-lhe algumas mercadorias, as quais ele me negou. Sentindo-me aborrecido, fui para casa e expus o fato ao Senhor. Na manhã seguinte, quando cheguei ao trabalho, o Irmão Heber chamou-me à sua sala e disse: — Robert, por que se queixou ao Senhor a respeito do seu servo Heber? Aqui estão as coisas que me pediu e, de agora em diante, não recorra ao Senhor por qualquer coisinha que aconteça."

Damos Graças a Ti Ó Deus Amado

Elder Gordon R. Hinckley
do Conselho dos Doze

Há mais de um século, vimos cantando um hino maravilhoso: "Damos Graças a Ti, Ó Deus Amado", que nos é peculiar. Cantamos alguns hinos originários de outras igrejas, e elas cantam alguns dos nossos. Mas, somente nós podemos cantar com propriedade: "Damos graças a ti, ó Deus amado, por mandares a nós uma luz — um profeta nos trouxe o Evangelho que ao céu nossas almas conduz".

O hino foi escrito há mais de um século por um homem de condição humilde que vivia em Sheffield, Inglaterra. Ele trabalhava numa usina siderúrgica e foi despedido por ter-se filiado à Igreja Mórmon. Em seu íntimo, contudo, ardia um profundo e fervoroso testemunho; e, nascido de um transbordante espírito de gratidão, ele compôs estas maravilhosas linhas, que se tornaram uma grata expressão de apreço para milhões de pessoas pelo mundo afora. Eu próprio as ouvi sendo cantadas em vinte e um idiomas diferentes, como reverente prece de graças pela revelação divina.

Quão gratos não devemos ser, irmãos, quão gratos somos por um profeta para nos aconselhar com palavras de divina sabedoria, enquanto trilhamos nossos caminhos nestes



tempos complexos e difíceis. A sólida certeza que carregamos em nosso coração, a certeza de que Deus fará conhecida sua vontade a seus filhos através de seu servo eleito, é o fundamento real de nossa fé e atividade. Ou temos ou não temos um profeta; e tendo um profeta, temos tudo.

Doze anos atrás, tive a oportunidade de iniciar, em companhia do presidente da missão de Hong Kong, a obra missionária nas Filipinas. No dia 28 de abril de 1961, tivemos uma reunião que nunca será esquecida por todos os presentes. Como não tínhamos um salão para nos reunir, solicitamos permissão à Embaixada dos Estados Unidos para usarmos o belo pórtico do monumento de mármore do cemitério militar norte-americano em

Port McKinley, nos arredores de Manila. Às 6:30 h da manhã, reunidos naquele bendito e sagrado lugar que nos recorda as tragédias da guerra, demos início ao trabalho de pregar o Evangelho da paz.

Pedimos a colaboração do único membro filipino que conseguimos localizar. Ele nos contou uma história que jamais esqueci.

Quando garoto, ele encontrou numa lata de lixo um velho exemplar esfarapado das **Seleções do Reader's Digest**, que trazia a condensação de um livro sobre a história do povo mórmon. Falava de Joseph Smith, descrevendo-o como um profeta. Aquela palavra profeta tocou profundamente o rapaz. Poderia realmente existir um profeta sobre a terra?, ficava imaginando. A revista se perdeu, mas o intrigante pensamento sobre a presença de um profeta vivo na terra jamais o deixou durante os longos e negros anos de guerra.

Finalmente a guerra terminou, e o governo dos Estados Unidos reabriu a Base Aérea Clark. David Lagman, o filipino, conseguiu um emprego na base. Soube que seu supervisor, um oficial da Força Aérea, era mórmon. Desejava perguntar-lhe se acreditava num profeta, mas não tinha coragem. Finalmente, depois de muita luta inte-

rior, reuniu ânimo para fazer a pergunta.

— O senhor é mórmon? — perguntou o moço.

— Sou, sim, — foi a resposta direta.

— O senhor crê num profeta, tem um profeta em sua igreja? — veio a pergunta ansiosa.

— Sim, temos um profeta, um profeta vivo, que preside a Igreja e nos ensina a vontade do Senhor.

David pediu ao oficial que lhe contasse mais, e desses ensinamentos resultou o batismo. Foi o primeiro élder nativo ordenado nas Filipinas, e hoje em dia preside o Distrito Luzon Norte (principal ilha do arquipélago), sabendo mais do que nunca, que realmente existe um profeta vivo sobre a terra.

Poderá haver bênção maior para um povo do que ter à sua testa alguém que recebe e ensina a vontade de Deus no que lhe diz respeito? Não precisamos estender os olhos pelo mundo para saber que "a sabedoria dos sábios pereceu e o entendimento do prudente se desfez". A sabedoria que o mundo deveria buscar é aquela que provém de Deus. O único entendimento que salvará o mundo é o entendimento divino.

"Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas." (Amós 3:7)

Assim foi nos dias de Amós e em todos os anos em que homens santos de Deus falaram quando movidos pelo Espírito Santo. (Vide II Pedro 1:21) Esses profetas antigos avisavam não só as coisas que estavam para vir, mas, o que é mais importante ainda, eram reveladores da verdade para o povo. Eram eles quem indicavam aos homens como deviam viver para serem felizes e encontrar paz na vida.

Lembro-me de um moço conhecido meu que, como cristão, procurou igreja após igreja, sem encontrar nenhuma que falasse de um profeta. Somente entre o povo judeu achou referências aos profetas, e por isso aceitou e adotou a religião judaica.

No verão de 1964, estando na cidade de Nova York, visitou a Feira Mundial. Entrou no Pavilhão Mórmon e viu gravuras dos profetas do Velho Testamento. Seu coração enterneceu-se, quando ouviu os missionários falando com apreço desses grandes homens de eras passadas, através dos quais Jeová revelava sua vontade. Depois, à medida que percorria o pavilhão, ouviu falar de profetas modernos — de Joseph Smith a quem chamavam profeta, vidente e revelador. Algo despertou seu íntimo. Seu espírito reagiu ao testemunho dos missionários. Foi batizado. Fez missão na América do Sul, onde conseguiu muitas conversões. Voltou para casa, e desde aí, tornou-se o instrumento para trazer sua família e outros para a Igreja. É de aquecer o coração ouvir esse moço prestar testemunho de que Joseph Smith foi de fato um profeta de Deus e que todos os que o seguiram têm sido sucessores legais neste sublime e sagrado chamado.

Poderá alguém, disposto a ler a história de Joseph Smith com isenção de ânimo, duvidar que ele foi um grande profetizador de acontecimentos futuros? Quase trinta anos antes de o primeiro tiro ser disparado, ele predisse a trágica Guerra de Secessão nos Estados Unidos, declarando ainda que, mais tarde, a guerra se derramaria sobre todas as nações. Vós e eu, desta geração, somos testemunhas do cumprimento daquelas notáveis palavras.

Ele previu que o seu povo, então estabelecido no Estado de Illinois, se-

ria escorraçado dali, sofreria muita aflição e se tornaria grande e poderoso nas Montanhas Rochosas, no oeste dos Estados Unidos. Nossa presença neste grande Tabernáculo da Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado é prova do cumprimento dessas maravilhosas palavras proféticas.

E assim tem sido com seus sucessores. Num gélido dia hibernal de 1849, quando nossos antepassados no vale do Lago Salgado se encontravam famintos, subsistindo à custa de bulbos de **sego** (Liliácia nativa da região nordeste dos Estados Unidos, N. T.) e brotos de cardo, enquanto estava sendo descoberto ouro na Califórnia, Brigham Young, postado no velho caramanchão nesta praça, falou palavras proféticas àqueles que sentiam vontade de trocar as agruras da vida ali por plagas mais amenas na Califórnia, dizendo entre outras coisas:

"Fomos chutados da frigideira para o fogo, (da perseguição no Missouri para a situação pior em Nauvoo, Illinois. N. do T.), do fogo para o meio do chão, (O deserto ocidental. N. do T.), e aqui estamos e aqui havemos de ficar..."

"Construiremos uma cidade e um templo ao Deus Altíssimo, neste lugar. Estenderemos nossa colonização para o leste e oeste, para o norte e sul, edificando cidades e vilas às centenas, e milhares de santos das nações da terra juntar-se-ão a nós.

"Isto aqui se tornará a grande estrada real das nações. Reis e imperadores, nobres e sábios da terra nos virão visitar aqui..."

Acaso alguém poderia ficar no Centro de Visitantes, na Praça do Templo, observando as centenas de milhares, sim, os milhões que nos visitam anualmente e ter alguma dúvida de que Brigham Young falou como

Damos Graças a Ti, Ó Deus Amado

profeta? No decorrer dos anos, formou-se verdadeira parada de pessoas eminentes que encontraram o caminho do escritório da Primeira Presidência, a fim de encontrar-se particularmente com o homem que apoiamos como presidente da Igreja e profeta de nossos dias. Nela incluem-se líderes dos governos da terra, do mundo dos negócios e comércio, da cultura e profissionalização. Estes estão entre os nobres e sábios da terra dos quais falava Brigham Young, quando éramos um povo proscrito, isolado num deserto das montanhas.

Duas semanas atrás, durante a viagem aérea de São Francisco para Sydney, Austrália, notámos um moço sentado num lugar próximo, lendo o

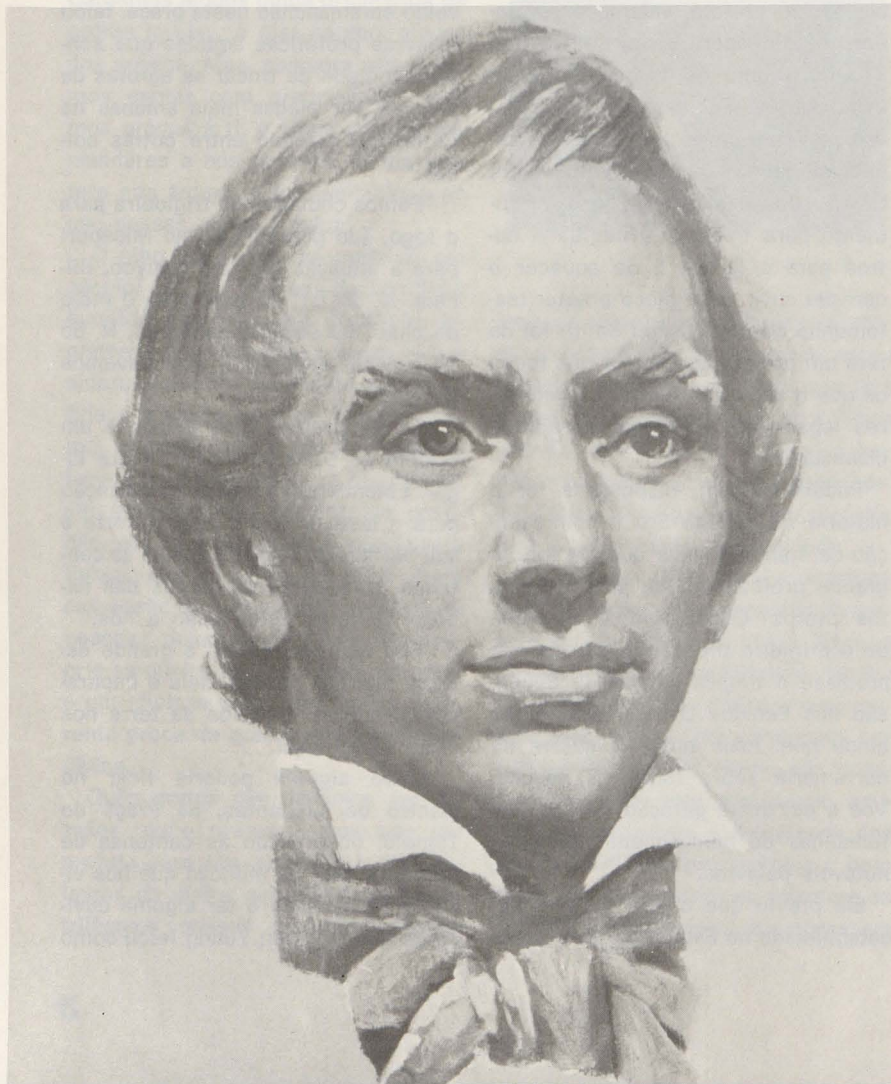
livro **Joseph Smith, an American Prophet** (Joseph Smith, um Profeta Americano. N. do T.) Quando se apresentou uma oportunidade, falei com ele. Conte-lhe que havia lido aquele livro, que conhecia o autor e perguntei qual era seu interesse. Disse-me, entre outras coisas, que se interessava por profetas e que essa questão de um possível profeta moderno o deixara intrigado. Havia arranjado o livro na biblioteca. Tivemos uma longa conversa, durante a qual presentei testemunho de que Joseph Smith foi realmente um profeta. Não só falava das coisas vindouras, mas, mais importante ainda, revelou a verdade eterna e foi um testificador da missão divina do Senhor Jesus Cristo.

Tenho esperanças de que esse moço, continuando seus estudos, obterá um testemunho semelhante em seu coração. Tenho confiança de que ele conseguirá.

Sou profundamente grato, meus irmãos, não só por Joseph Smith, como o Profeta que serviu de instrumento nas mãos do Todo-Poderoso para restaurar esta obra, mas também por todos aqueles que o seguiram. O estudo da vida deles revelará a maneira pela qual o Senhor os escolheu, refinou-os e os moldou, para que servissem a seus propósitos eternos. Joseph Smith declarou certa ocasião: "Sou como uma enorme pedra bruta que vem descendo de uma alta montanha... todo esse corpo infernal arranca uma aresta aqui, outra acolá. E assim, chegarei a ser um dardo polido na aljava do Todo-Poderoso..." (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, pp. 295-96).

Ele foi odiado e perseguido. Foi exotado e aprisionado. Foi injuriado e espancado. E ao lerdes sua história, vereis a evolução por ele descrita. Houve um desenvolvimento de poder em sua vida. Veio o refinamento; cresceu o amor pelos outros que chegou a sobrepujar mesmo seu amor à própria vida. As arestas daquela pedra bruta foram desbastadas, tornando-a um dardo polido nas mãos do Onipotente.

O mesmo se deu com todos os que o sucederam. Através de longos anos de devotado serviço, eles foram refinados, joeirados, temperados e moldados para os propósitos do Todo-Poderoso. Alguém conseguirá duvidar disso, depois de ler a biografia de homens como Brigham Young, Wilford Woodruff e Joseph F. Smith? O Senhor subjugou-lhes o coração e refinou suas naturezas, a fim de prepará-los para a grande e sagrada responsabilidade que mais tarde lhes se-



ria confiada. O mesmo aconteceu com aquele que está à testa da Igreja hoje, nosso querido líder, o Presidente Harold B. Lee. Espero que ele me perdoe. Não desejo embarçá-lo. Mas, poderá alguém que conhece um pouco da sua vida, negar a ação dessas mesmas influências? Ele proveio de condições hoje em dia classificadas como de pobreza. Conhece por experiência própria o que significa duro trabalho manual. Serviu como missionário, sendo rejeitado pela maioria das pessoas que abordou. Sacrificou-se para obter instrução. Conheceu enfermidade grave e a vida pareceu-lhe estar por um fio. Tem andado por profundos e negros vales de dor. Contemplando a história da sua vida, tudo isso parece parte de um plano, um processo refinador, a fim de que consiga entender melhor as provações, as aflições, os sofrimentos dos outros. E no entanto, apesar disso tudo, sua grande força de recuperação espiritual o coloca acima das tragédias e da tristeza, e eleva para um plano mais elevado todos aqueles a quem toca e influencia.

Como alguém que recentemente andou com ele como companheiro júnior pelas missões da Europa e Inglaterra, tenho visto pessoas jovens rodeando-o ansiosamente, com lágrimas nos olhos e sorrisos, doces e belos, nas faces. Vi missionários extasiados, ouvindo-o ensinar as Escrituras, falando, igual ao Mestre, "como alguém com autoridade". Vi crianças sentadas quase estáticas, enquanto se dirigia a elas em sua linguagem e as fazia entender sagradas verdades do sacramento. Vi homens e mulheres idosos chorar ao serem abençoados por ele.

Tenho visto poucas coisas mais tocantes do que um moço vigoroso abraçar o Presidente e depois comentar, com olhos marejados de lágrimas,

mas: — Nunca antes estive tão perto do céu.

Como alguém a quem o espírito testificou, presto testemunho desse chamado profético, e junto minha voz à do nosso povo pelo mundo afora: "Damos graças a ti, ó Deus amado, por mandares a nós uma luz — Um profeta nos trouxe o Evangelho que ao céu nossas almas conduz." Sou grato e satisfeito, porque a paz, o progresso e a prosperidade deste povo residem em fazer a vontade do Senhor conforme esta vontade é dada a conhecer ao seu profeta. Se deixarmos de observar seu conselho, estaremos repudiando seu sagrado chamado. Se o acatarmos, seremos abençoados por Deus.

"Sempre oramos por ti, querido profeta,

Que Deus te dê conforto e ânimo; E, quando os anos vincarem tua testa,

A luz interior continue, como hoje, brilhando..." (Tradução livre e aproximada do hino "We Ever Pray for Thee", ainda não vertido para o português. N. do T.)

Deus vive e é um revelador da verdade eterna. Jesus Cristo é o nosso Salvador e está à testa desta Igreja. Temos um profeta na terra, um vidente e revelador para nos instruir. Que Deus nos dê a fé e disciplina interior para seguirmos esse ensinamento, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

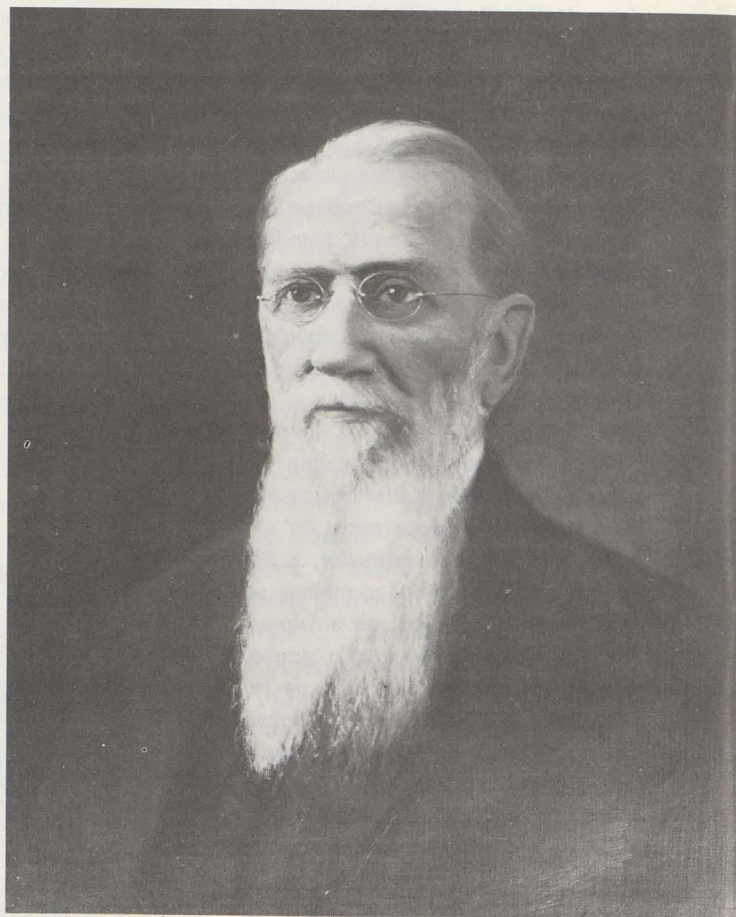


Visão da Redenção dos Mortos

Joseph F. Smith (1838-1918)

6.º presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Joseph F. Smith, sexto presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, nasceu a 13 de novembro de 1838, em Far West, Missouri, filho de Hyrum e Mary Fielding Smith. A 27 de janeiro de 1844, ficou órfão quando do duplo martírio de seu pai e seu tio, o Profeta Joseph Smith, em Carthage, Illinois. Em 1846, ele dirigiu o carroção da mãe, atravessando Iowa até Winter Quarters, no Nebraska; dois anos mais tarde, conduziu duas juntas de bois, com todas as posses da família, pela longa jornada através das planícies até o Vale do Lago Salgado. Em 21 de setembro de 1852, falecia-lhe a mãe viúva na Cidade de Lago Salgado. Na conferência geral de abril de 1854, Joseph F. Smith, então com apenas quinze anos de idade, foi chamado para fazer missão no Havaí. Foi ordenado apóstolo e conselheiro da Primeira Presidência a 1.º de julho de 1866, sendo desobrigado do cargo de conselheiro ao ser designado como membro do Conselho dos Doze, a 8 de outubro de 1867. No dia 10 de outubro de 1880, foi chamado pelo Presidente John Taylor para seu segundo conselheiro na Primeira Presidência, posição em que serviu também aos presidentes Wilford Woodruff e Lorenzo Snow. Em 17 de outubro de 1901, foi apoiado como presidente da Igreja, vindo a falecer na Cidade de Lago Salgado, a 19 de novembro de 1918. Esta visão tida a 3 de outubro de 1918, foi submetida aos conselheiros na Primeira Presidência, ao Conselho dos Doze e ao patriarca da Igreja no dia 31 do mesmo mês, tendo sido aceita unanimemente por eles.



A três de outubro, no ano de mil novecentos e dezoito, achava-me sentado em meu quarto, meditando sobre as Escrituras e refletindo quanto ao extraordinário sacrifício expiatório feito pelo Filho de Deus para a redenção do mundo e o grande e maravilhoso amor manifestado pelo Pai e pelo Filho na vinda do Redentor ao mundo, para que, através de sua Expição e pela obediência aos princípios do

Evangelho, a humanidade pudesse ser salva.

Enquanto estava assim entretido, minha mente voltou-se para os escritos do Apóstolo Pedro aos santos primitivos dispersos pelo Ponto, Galácia, Capadócia e outras partes da Ásia, onde o Evangelho foi pregado depois da crucificação do Senhor. Abrindo a Bíblia, li o terceiro e quarto capítulos da primeira epístola de Pedro e senti-me profundamente impressionado, muito mais do

que em qualquer outra ocasião anterior, com as seguintes passagens:

"Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito;

"No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão;

"Os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água." (I Pedro 3:18-20)

"Porque por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito." (I Pedro 4:6)

Ao ficar ponderando estas coisas que estão escritas, foram-me abertos os olhos do entendimento, e o Espírito do Senhor pousou sobre mim, e vi as hostes dos mortos, tanto grandes como pequenos. E num lugar estava reunida uma inumerável companhia de espíritos dos justos, que haviam sido fiéis no testemunho de Jesus, enquanto viveram na mortalidade, haviam oferecido sacrifício tal como o do Filho de Deus, e sofreram tribulações em nome de seu Redentor. Todos eles haviam partido da vida mortal, na firme esperança de uma gloriosa ressurrei-

ção, pela graça de Deus, o Pai, e de seu Filho Unigênito, Jesus Cristo.

Percebi que estavam cheios de alegria e contentamento, e se regozijavam juntos por estar próximo o dia da sua libertação. Estavam reunidos, aguardando o advento do Filho de Deus no mundo espiritual, para declarar sua redenção das cadeias da morte. O pó dormente iria ser restaurado em sua perfeita forma, osso ligado a osso, e os tendões e a carne sobre eles, o espírito reunido ao corpo, para nunca mais serem separados, a fim de que pudessem receber a plenitude da alegria.

Enquanto esta vasta multidão esperava e conversava, regozijando-se por libertar-se das cadeias da morte, apareceu o Filho de Deus anunciando liberdade para os cativos que haviam sido fiéis, e ali pregou-lhes o Evangelho eterno, a doutrina da ressurreição e redenção da humanidade, da queda e dos pecados individuais, caso se arrependessem. Mas ele não foi aos iníquos, e entre os ímpios e impenitentes que se haviam corrompido enquanto na carne, não se levantou a sua voz; tampouco perceberam a sua presença nem viram a sua face os rebeldes que rejeitaram os testemunhos e advertências dos profetas antigos. Onde estes estavam reinava a treva, mas entre os justos havia paz, e os santos se rejubilavam em sua redenção, e dobra-

vam o joelho e reconheciam o Filho de Deus como seu Redentor e Libertador da morte e das cadeias do inferno. Seus semblantes brilhavam, e a luminosidade da presença do Senhor estava sobre eles, e cantavam louvores ao seu santo nome.

Maravilhei-me, pois sabia que o Salvador passara quase três anos ministrando aos judeus e entre os da casa de Israel, esforçando-se para ensinar-lhes o Evangelho eterno e chamá-los ao arrependimento; no entanto, a despeito de suas grandes obras e milagres e de proclamar o que era verdadeiro com grande poder e autoridade, foram apenas uns poucos que lhe ouviram a voz e se regozijaram em sua presença, recebendo a salvação de suas mãos. O ministério, porém, entre os mortos limitou-se ao breve intervalo de tempo entre sua crucificação e a ressurreição; e admirei-me com as palavras de Pedro, quando diz que o Filho de Deus pregou aos espíritos em prisão que uma vez foram desobedientes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, e como lhe fora possível pregar a esses espíritos e realizar entre eles o trabalho necessário em tão pouco tempo.

E enquanto me admirava, meus olhos foram abertos e meu entendimento se aguçou, e percebi que o Senhor não foi pessoalmente pregar aos iníquos e desobedientes que haviam rejeitado a verdade; mas

Visão da Redenção dos Mortos

Continuação:

eis que organizou suas forças e designou mensageiros dentre os justos, revestidos de poder e autoridade, comissionando-os para ir avante e levar a luz do Evangelho àqueles que estavam nas trevas, mesmo a todos os espíritos de homens. E assim, o Evangelho foi pregado aos mortos. E os mensageiros escolhidos saíram a declarar o dia aceitável do Senhor, e a proclamar liberdade aos cativos em prisão, a todos os que se arrependessem de seus pecados e recebessem o Evangelho. Dessa forma, foi o Evangelho pregado àqueles que morreram em seus pecados, sem qualquer conhecimento da verdade, ou em transgressão tendo rejeitado os profetas. A eles foi ensinada fé em Deus, arrependimento do pecado, batismo vicário para a remissão dos pecados, o dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, e todos os outros princípios do Evangelho que deviam conhecer, a fim de se qualificarem para o julgamento dos homens segundo a carne, mas vivificados segundo Deus no espírito.

E assim foi dado a conhecer



Joseph F. Smith
aos 29 anos.

entre os mortos, tanto pequenos como grandes, aos injustos bem como aos fiéis, que a redenção fora obraada através do sacrifício do Filho de Deus sobre a cruz. E foi dado saber que o nosso Redentor passou seu tempo de permanência no mundo dos espíritos, instruindo e preparando os espíritos fiéis dos profetas que dele haviam testificado na carne, para que

pudessem levar a mensagem de redenção a todos os mortos que ele não podia procurar pessoalmente, por causa de sua rebeldia e transgressões, a fim de que também pudessem ouvir as suas palavras através da ministração de seus servos.

Entre os nobres e poderosos assim reunidos naquela vasta congregação dos justos, estavam Pai Adão, o Ancião de

Dias e pai de todos, nossa gloriosa Mãe Eva, com muitas de suas filhas fiéis que viveram através dos tempos e adoraram o Deus verdadeiro e vivo. Abel, o primeiro mártir, estava lá, e seu irmão Sete, um dos grandes, que era a imagem expressa de seu pai Adão. Noé, que advertiu o povo da chegada do dilúvio; Sem, o grande Sumo-Sacerdote; Abraão, o pai dos fiéis; Isaque, Jacó e Moisés, o grande legislador de Israel; Isaías, o qual declarou por profecia que o Redentor foi ungido para restaurar os contritos de coração, livrar os cativos e libertar os encarcerados, também se encontravam ali.

Ainda Ezequiel, ao qual foi mostrado em visão o grande vale de ossos ressequidos que haviam de se revestir de carne para se levantarem novamente na ressurreição dos mortos como almas viventes; Daniel, que previu e predisse o estabelecimento do reino de Deus nos últimos dias, para nunca mais ser destruído nem dado a outro povo; Elias, que esteve com Moisés no Monte da Transfiguração, e Malaquias, o profeta que testificou a vinda de Elias — do qual também Morôni falou ao Profeta Joseph Smith — afirmando que isto aconteceria antes da chegada do grande e terrível dia do Senhor, também estavam presentes. O Profeta Elias deveria plantar no coração dos filhos as promessas feitas a seus

pais, prenunciando a grande obra a ser realizada nos templos do Senhor, na Dispensação da Plenitude dos Tempos, para redenção dos mortos, e o selamento dos filhos aos pais, a fim de que a terra inteira não se ferisse com maldição e fosse totalmente destruída na época de sua vinda.

“Os mortos que se arrependem serão redimidos...”

Todos estes e muitos mais, mesmo os profetas que viveram entre os nefitas e testificaram da vinda do Filho de Deus, integravam a enorme assembléia e aguardavam ser libertados, pois os mortos consideravam a longa separação dos espíritos e corpos como um cativeiro. A estes, o Senhor pregou e deu-lhes poder de ressurgir depois da sua ressurreição dos mortos, para entrarem no reino do Pai, onde seriam coroados com imortalidade e vida eterna, e continuarem daí por diante os seus labores como havia sido prometido pelo Senhor, e serem participantes de todas as bênçãos reservadas àqueles que o amam.

O Profeta Joseph Smith e meu pai, Hyrum Smith, Brigham Young, John Taylor, Wilford Woodruff e outros espíritos eleitos, que foram escolhidos para surgir na plenitude dos tempos, a fim de tomar parte no lançamento dos alicerces da grande obra dos últimos

dias, incluindo a construção de templos e a realização ali de ordenanças para redimir os mortos, também estavam no mundo espiritual. Observei que estavam igualmente entre os nobres e poderosos que haviam sido escolhidos no princípio como governantes na Igreja de Deus. Mesmo antes de terem nascido, eles e muitos outros receberam as primeiras lições no mundo dos espíritos, sendo preparados para surgir no tempo devido do Senhor, a fim de trabalhar na sua vinha pela salvação das almas humanas.

Pude ver que os élderes fiéis desta dispensação, quando partem da vida mortal, continuam a trabalhar, pregando o Evangelho de arrependimento e redenção, pelo sacrifício do Filho Unigênito de Deus, entre aqueles que se encontram nas trevas e cativeiro do pecado, no imenso mundo dos espíritos dos mortos. Os mortos que se arrependem serão redimidos através da obediência às ordenanças da casa de Deus; e depois de haverem pago a penalidade de suas transgressões e serem limpos, receberão recompensa de acordo com suas obras, pois são herdeiros da salvação.

Assim foi a ressurreição dos mortos revelada a mim e da qual presto testemunho, e eu sei que ele é verdadeiro, pela bênção de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, assim seja, Amém.

